



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ECONOMIA

ARTHUR BUTZ E OS PROCEDIMENTOS DE NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Olívia Cascardo Clemente

Monografia do Curso de Licenciatura em História da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do título
de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Luis Edmundo Moraes

Nova Iguaçu
Novembro de 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ECONOMIA

ARTHUR BUTZ E OS PROCEDIMENTOS DE NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Olívia Cascardo Clemente

Orientador: Prof. Dr. Luis Edmundo Moraes

Monografia do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Luis Edmundo Moraes

Prof. Dr. Alexandre Fortes

Prof. Dr. José D'Assunção

Nova Iguaçu
Novembro de 2014



AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, meu senhor fiel que me proporcionou realizar o sonho da graduação.

A minha avó SEBASTIANA, esteio da minha família, que eu tanto amo, e que contribui de incontáveis maneiras com a minha formação pessoal e profissional.

Aos meus pais NELSON e IVONE, que são a minha base e que sempre me incentivaram a não desistir de meus objetivos.

A minha irmã ANA CAROLINA, por sempre vibrar com minhas conquistas.

As minhas companheiras de curso, LUANA, THAMIRES e ROSEANE, que sempre encheram meus dias de alegria.

A toda a minha família e amigos que de alguma forma estiveram comigo durante essa caminhada.

Ao meu orientador, LUIS EDMUNDO, pelos ensinamentos e pela paciência.

A todos estes, meu Muito Obrigado.



CLEMENTE, Cascardo Olívia.

Arthur Butz e os procedimentos de negação do holocausto/ Olívia Cascardo Clemente. Nova Iguaçu: UFRRJ/IM, 2014.

VI, 38.

Orientador: Luis Edmundo Moraes

Monografia (Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto Multidisciplinar/ Departamento de História e Economia, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 39-40

1. História Contemporânea. 2. Segunda Guerra Mundial. 3. Holocausto. 4. Negacionismo. I. MORAES, Luis Edmundo. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar. III. Licenciatura.



ARTHUR BUTZ E OS PROCEDIMENTOS DE NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Olívia Cascardo Clemente

Orientador: Prof. Dr. Luis Edmundo Moraes

Resumo da Monografia do Curso de Licenciatura em História, Instituto Multidisciplinar, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em História.

A presente monografia aponta e analisa os procedimentos usados pelo autor negacionista Arthur Butz para tentar negar a existência do holocausto. Butz distorce e desqualifica documentos importantes sobre a Segunda Guerra Mundial e o holocausto, para, assim, tentar criar um novo passado, um passado falso. Butz, assim como os demais negacionistas, tem por objetivo descriminalizar o regime nazista, e desfazer a imagem negativa da política de extrema-direita.

Analisamos o livro de Butz (*The Hoax of the twentieth century*), e os documentos que são por ele utilizados e distorcidos, como também os caminhos que o autor escolheu para tentar negar que o assassinato em escala industrial dos judeus europeus aconteceu.

Palavras-chave: negacionismo; holocausto; nazismo; neonazismo.



SUMÁRIO

Introdução	07
1 – Interpretação dual, distorção e desqualificação de documentos.....	13
2 - Desqualificação dos julgamentos de guerra e dos testemunhos.....	30
3 - Culpabilização dos Aliados e dos judeus pela guerra e pelo surgimento do “mito”	33
Considerações Finais.....	36
Bibliografia.....	38
Anexos	40

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial foi, sem dúvidas, um conflito que, além de causar profundas transformações na política internacional que se refletem até hoje, também foi um conflito sem precedentes no que se refere à escala de assassinatos. A brutalidade do holocausto ainda hoje, após quase setenta anos, tem um grande impacto no imaginário popular, e por ter sido um fenômeno de tamanha complexidade, desde a época do pós-guerra desperta o interesse de pesquisadores e de diversas áreas.

Ao mesmo tempo, integrantes de grupos políticos de extrema-direita, produzem trabalhos afirmando que o holocausto não passa de uma farsa arquitetada pelos vencedores da guerra juntamente com os judeus. Eles se autodenominam revisionistas, para falsear seus verdadeiros lugares de fala, pois o que eles pretendem ao se denominarem dessa forma é inserir a si mesmos e suas obras no terreno dos historiadores profissionais, para que tenham a credibilidade de historiadores especialistas, quando na verdade são negacionistas.

O negacionismo pode ser definido como uma vertente intelectual de extrema-direita do pós-guerra que através da produção de literatura com aparência de historiografia, nega a existência do holocausto dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, para assim desfazer a imagem negativa do nazismo na sociedade, e facilitar a introdução e desenvolvimento de grupos neonazistas na sociedade contemporânea. Ele surgiu na década de 1940, primeiramente na França e nos Estados Unidos e logo ganhou espaço por todo o mundo (MORAES: 2011, 3), chegando ao Brasil no fim da década de 1970¹. O primeiro livro negacionista foi publicado em 1964, e foi escrito por Paul Rassinier, que foi um importante agente na difusão do negacionismo (MILMAN: 2000).

Os negacionistas se empenham em mudar a memória social sobre o nazismo e o holocausto, para descriminalizar o nacional socialismo e “limpar” a imagem da extrema-direita política. O negacionismo é um movimento claramente racista, mas o que o diferencia das demais manifestações de intolerância da contemporaneidade é a tentativa, daqueles que integram tal movimento, de se encaixar na posição de historiadores profissionais, quando não pertencem a ela (MORAES: 2013, 15). As alegações dos negacionistas giram em torno da idéia de que o holocausto foi uma farsa articulada pelos Aliados juntamente com organizações

¹ A primeira obra negacionista de autoria de um brasileiro, data do final dos anos 1980. Atualmente, o negacionista brasileiro que mais se destaca é Siegfried Ellwanger, que assina seus livros como S. E. Castan.

internacionais de judeus², com o propósito de colocar sobre os nazistas toda a responsabilidade pela Segunda Guerra Mundial.

“Por um lado, os negacionistas oferecem ao público receptor um *pseudopassado* ou seja, uma narrativa com afirmações falsas sobre um tempo passado: uma narrativa sobre o período do Terceiro Reich sem o programa de exclusão e extermínio de “indesejáveis”, sem o assassinato industrial perpetrado pelos nazistas e sem campos de extermínio. A isto eles denominam “interpretação”, feita, afirmam, a partir dos mesmos procedimentos reconhecidos como válidos no âmbito da disciplina “História”. Além deste, os intelectuais negacionistas nos oferecem um outro produto: uma imagem de si próprios como legítimos interlocutores no campo de investigações das ciências sociais que toma por objeto o nacional socialismo, o Terceiro Reich e suas práticas.”³

Os autores negacionistas tendem a defender que suas obras são fruto de pesquisas acadêmicas e de revisões e análises de fontes, mas o que fazem, na verdade, é distorcer as evidências históricas. O negacionismo, de acordo com o historiador Luis Edmundo Moraes, pode ser definido tanto como uma vertente que nega o genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial para poder diminuir a imagem negativa da extrema-direita, como também um meio utilizado por grupos neonazistas

Eles se autodenominam revisionistas, pois afirmam que sua função é “revisar” a historiografia existente sobre Segunda Guerra Mundial e nazismo, colocando-se assim no lugar de historiadores, quando não são. Eles fazem isso, pois sabem a importância dos aparatos da historiografia para a escrita da história e conseqüentemente, para a legitimação da mesma como passado verdadeiro na memória social coletiva. É interessante ressaltar que o objetivo aqui não é afirmar que o historiador é detentor da verdade absoluta sobre o passado, até porque são os diferentes olhares sobre ele que alimentam o ofício do historiador, mas que existem limites sobre o que pode ser dito e relativizado sobre o passado para que o mesmo não deixe de ser história e passe a ser literatura ficcional. É importante desvendar e analisar as ferramentas que os negacionistas usam para realizar essa operação de criação de um *pseudopassado*, que descaracteriza a história (como disciplina) e a sua escrita.

Ao escreverem suas obras, os negacionistas usam diversos meios para que, através de suas teorias, a verdade sobre o passado seja modificada. Para isso eles fingem enquadrar seus textos nos parâmetros dos textos historiográficos e acadêmicos. Ao fazer uso das “formas

² Os negacionistas difundem a idéia de uma conspiração internacional de judeus, como nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, documento falso do século XIX, que “provavam” a existência de uma conspiração judaica para a dominação do mundo.

³ MORAES, Luis Edmundo. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. Anpuh-SNH, 2011.

historiográficas” os negacionistas criam uma falsificação consciente do passado, para tentar desfazer a imagem negativa do nazismo para a sociedade.

Dentre os autores negacionistas está Arthur Butz, cuja obra “The Hoax of the Twentieth Century” (O engano do século XX) será trabalhada na presente monografia. Arthur Butz é, atualmente, professor adjunto de Engenharia Elétrica na Universidade de Northwestern, nos Estados Unidos. Em 1976, publicou o referido livro negacionista. Seu livro adota procedimentos típicos de obras desse gênero, como a desvalorização do depoimento dos sobreviventes, a apresentação de argumentos distorcidos, a insistência em “abrandar” as brutalidades cometidas pelos nazistas, a tentativa de chamar a atenção para crimes de guerra cometidos pelos Aliados, etc. Seu livro não foi bem recebido por seus alunos e colegas de trabalho, e o presidente da universidade da qual era professor, Henry S. Bienen, publicou uma carta⁴ na qual se posiciona contra os argumentos de Butz, e afirmava que tal trabalho negacionista nada tem a ver com a Universidade de Northwestern.

O livro de Butz, “The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry” (A farsa do século XX. O caso contra o presumido extermínio dos judeus europeus), publicado em 1976, é dividido em oito capítulos. O primeiro capítulo, cujo título é “Julgamentos, Judeus e Nazistas” (*Trials, Jews and Nazis*), tem como tema principal os julgamentos militares de guerra, em destaque o Tribunal de Nuremberg.

Butz diz que não quer justificar as crueldades cometidas durante a guerra, mas que nunca houve nenhum programa de extermínio e, portanto, não existiam provas que justificassem a condenação dos nazistas em tais tribunais. Um dos procedimentos que ele usa para tentar provar que nunca existiu extermínio de judeus, é estatística demográfica. Segundo Butz, os judeus não foram mortos, eles migraram para diversos lugares, e isso juntamente com as várias mudanças de fronteiras na Europa impossibilita a contagem exata da população judaica do pós-guerra. Butz argumenta que os números oficiais não estão corretos, mas não apresenta nenhum dado conclusivo que prove isso.

Quando ele começa a abordar mais detalhadamente a questão dos julgamentos, logo culpa o governo de Washington por ser o responsável pela criação e disseminação do mito do holocausto. Para ele as cortes dos julgamentos não eram imparciais, pois eram formadas por pessoas que faziam parte do lado vencedor (americanos, russos, britânicos e franceses), e tinham um pensamento anti-germânico. Então ele vai abordando diversos detalhes dos

⁴ Uma cópia da referida carta se encontra nos anexos desta monografia.

juízos, fala dos juízos menores e também das torturas que, segundo ele, os prisioneiros nazistas sofriam na prisão para confessarem um crime que eles não tinham cometido. Por isso, Butz afirma que os juízos não foram válidos, pois foram baseados em depoimentos de pessoas que se beneficiariam com o mito (os judeus) e em confissões adquiridas mediante coerção.

No segundo capítulo, “Os campos” (*The Camps*), Butz trata, basicamente, de dar uma breve explicação sobre o funcionamento dos campos de Belsen, Buchenwald, Dachau e Auschwitz. Ela fala sobre os corpos achados em Belsen, e sobre o alto número de mortes nesse campo e em Dachau, e justifica ambos como resultados do descontrole da epidemia de tifo. Ele usa o tifo para tentar justificar as mortes, e também justifica todos os procedimentos que os prisioneiros eram submetidos quando chegavam aos campos, como raspar a cabeça e trocar de roupas. As instalações, que sabemos serem as câmaras de gás, para Butz são apenas chuveiros que serviam para higienizar os prisioneiros e conter a epidemia. Ao falar sobre Belsen ele cita a história de Anne Frank, e questiona brevemente a veracidade do diário dela. Ele define Buchenwald como um campo de trabalho dedicado à indústria e aos experimentos médicos, e fala sobre a lenda dos abajures de pele humana. Sobre Dachau, ele afirma que era exclusivamente um campo de trabalho, mas que a propaganda americana disseminava a ideia dele como um campo de extermínio. Butz apresenta ilustrações das instalações de Dachau e descreve cada uma delas seguindo a ideia dos procedimentos de contenção do tifo.

Para falar de Auschwitz ele volta um pouco no tempo para explicar a importância da produção da borracha para a Alemanha, e define Auschwitz como um campo criado para grandes fins industriais. Butz afirma que em Auschwitz os prisioneiros eram usados para o trabalho, mas tinham acesso à segurança, roupa, comida e até a recreação, como concertos e bordel.

O capítulo três tem o título Washington and New York. Butz começa o capítulo falando da borracha. Em 1942, os EUA passaram pela crise da borracha, e Butz usa esse fato para questionar o conhecimento dos Aliados sobre o funcionamento de Auschwitz. Isso porque naquele momento a Alemanha detinha técnicas de produção de borracha sintética que interessavam aos EUA, portanto, a inteligência americana devia investigar Auschwitz, que era uma grande fábrica desse material, ligada a I.G. Farben.

Butz também fala da ampliação dos crematórios em Auschwitz em 1942, que, segundo ele, foi motivada pelo aumento brusco de mortes causadas pelo tifo. E que depois da

construção desses crematórios, Bikernau se tornou destino de prisioneiros muito doentes, que estavam à beira da morte, para depois de morrerem serem cremados.

Butz ressalta a importância do mito para a propaganda, baseada em supostos depoimentos de sobreviventes. Ele fala do relatório da Comissão de Refugiados de Guerra (WRB/ *War Refugee Board*), que continha alguns depoimentos de sobreviventes dos campos, e que, segundo que segundo Butz, claramente esse relatório juntamente com os depoimentos, foi forjado. Ele também afirma que governo americano teve um papel muito importante, porém secundário, na criação do mito do extermínio dos judeus. Os principais criadores foram os judeus.

No capítulo quatro, Auschwitz, Butz aborda principalmente o depoimento que o comandante de Auschwitz Rudolf Hoss deu no julgamento dos crimes de guerra. Butz apresenta todo o depoimento e depois separa alguns parágrafos para “analisar”. Ele alega que tal depoimento foi conseguido sob coerção. Outro ponto que Butz levanta é que os criadores do “mito” o criaram distorcendo fatos reais e que por causa disso muitos supostos acontecimentos são implausíveis, e os mitologistas (como Butz os chama) explicam isso alegando que são mistérios. Butz reapresenta, com mais detalhes, todos aqueles argumentos já apresentados, dos crematórios, do zyklon b, do tifo, etc.

O quinto capítulo, “Os judeus húngaros” (*The hungarian jews*), tem como ponto principal, a participação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, um órgão neutro, na Segunda Guerra Mundial. Para essa “análise”, ele usa dois documentos publicados pelo ICRC nos anos de 1947 e 1948. O relatório da Cruz Vermelha fala sobre a Hungria. O ICRC acreditava que os judeus estavam sendo exterminados em campos alemães. Ele levanta novamente a questão de que se o mundo sabia que os judeus estavam sendo enviados para a morte, porque não fizeram nada, porque não bombardearam as linhas de trem e os campos.

O capítulo seis, “Et Cetera”, ele fala, principalmente, sobre o programa de eutanásia e como ele foi tratado nos tribunais. Butz usa o testemunho do SS Konrad Morgen. O que o autor quer defender é que não havia nenhuma prova da existência de extermínio nos outros campos da Polônia, e que as provas que existiam sobre Auschwitz eram forjadas.

O capítulo sete, “A solução final” (*The final solution*), aborda principalmente o Protocolo de Wannsee. Butz, mais uma vez, tenta provar que nunca existiu uma política de extermínio dos judeus, e que os judeus que os “mitologistas” alegam que foram assassinados, na verdade foram deportados ou emigraram para os Estados Unidos. E no capítulo oito,

“Observações” (*Remarks*), Butz reafirma os principais pontos de seu livro, e novamente justifica o papel e a importância de seu livro, que, segundo ele, contribui para desfazer e enterrar o “grande mito do holocausto”.

O historiador deve refletir sobre o que diferencia a escrita historiográfica das demais escritas sobre o passado, como é o caso do negacionismo, para entender o que nos permite afirmar que os autores negacionistas não produzem historiografia, mesmo com eles alegando o contrário. A obra de Butz, que será nossa fonte primária, faz o uso massivo de procedimentos e instrumentos que são estranhos ao terreno das Ciências Sociais. Como essas práticas são de suma importância para que os negacionistas alcancem seu objetivo, é interessante identificá-las e entender quais são esses métodos e como eles validam a escrita do passado como verdadeira.

Segundo Butz, o que o motivou a escrever seu livro foi o dever de expor para a sociedade tudo o que ele sabia sobre a “mentira” do Holocausto:

“Porque, mesmo no início do verão de 1972, era evidente que a minha pesquisa tinha levado o assunto para além da literatura existente, senti uma obrigação inescapável e um imperativo intelectual de apresentar para a avaliação da sociedade o que eu sabia sobre a farsa mais perniciosa. Logo ficou claro que só um livro o faria; o assunto não poderia, dado os anos de propaganda, ser tratado em um trabalho de pesquisa ou panfleto e, a fortiori, não poderia ser tratado sob a forma de uma palestra.”⁵

Um dos diferenciais da obra de Butz é a diversificação das fontes apresentadas, principalmente as imagens (fotografias, mapas, plantas de construções, etc), lembrando que são elas todas ou distorcidas ou mal interpretadas para atender ao embasamento das afirmações negacionistas defendidas por Butz. Dentre essas afirmações, as principais abordam os seguintes temas: o Tribunal de Nuremberg, os campos de concentração e o papel dos Aliados durante a guerra. O principal intuito dessa pesquisa é identificar e compreender os procedimentos pelos quais Butz quer nos fazer crer que o holocausto não teria existido.

Arthur Butz, como já ressaltado anteriormente, busca em seu livro levar o leitor a acreditar que o holocausto não passa de uma farsa arquitetada por membros de uma grande conspiração internacional. Portanto, ele defende uma série de afirmações negacionistas que buscam

⁵ Todas as citações originalmente em inglês, foram traduzidas por mim. Do original “*Because even early in the summer of 1972, it was evident that my research had carried the subject beyond the existing literature, I felt an inescapable obligation and an intellectual imperative to put forward for society’s evaluation what I knew about this most pernicious hoax. It quickly became clear that only a book would do; the subject could not, given the years of propaganda, be treated in a research paper or pamphlet and, a fortiori, it could not be treated in the form of a lecture.*” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 21

desqualificar as evidências da existência do extermínio dos judeus e dos excessos cometidos pelos nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial.

Aqui buscarei evidenciar o tipo de operação realizada por Butz por meio de alguns temas aos quais ele se dedica: A desqualificação do Tribunal de Nuremberg; o problema dos campos de concentração e dos de extermínio; o destino dos judeus húngaros; a política alemã em relação aos judeus; o papel dos Aliados na guerra (tanto na criação e disseminação do “mito”, como na não intervenção para impedir os assassinatos dos prisioneiros dos campos de extermínio).

Apesar da extensão de seu livro, Arthur Butz faz uso basicamente de quatro procedimentos para negar o holocausto: interpretação dual, distorção de documentos, desqualificação dos testemunhos e dos julgamentos de guerra; culpabilização dos Aliados e dos judeus, e eles são repetidos ao longo de toda a obra.

1. INTERPRETAÇÃO DUAL, DISTORÇÃO E DESQUALIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS

O que chamamos aqui de interpretação dual, nada mais é do que um procedimento utilizado por Butz para levar o leitor a interpretar de forma indevida documentos e declarações que comprovam a existência do holocausto. Ou seja, quando apresenta algum documento em seu livro ou ele afirma que a fonte é fraudulenta ou que pode até ser verdadeira mas foi mal interpretada, e mostra a forma supostamente correta de ler tais fontes, a forma negacionista.

“Análisei as especificidades do processo do alegado extermínio de Auschwitz. Mostrei que todos os fatos materiais específicos requerem uma interpretação dupla dos factos relativamente banais, por exemplo, transportes, seleções, chuveiros, corte de cabelo, Zyklon B, crematórios, etc., tudo real e relativamente mundano, a todos foi dada uma segunda interpretação.”⁶

Arthur Butz apela para essa técnica inúmeras vezes em seu livro, principalmente quando aborda alguma evidência muito forte do holocausto, e influencia o leitor a interpretar tais conteúdos de formas confusas, como será explicado posteriormente. Vejamos alguns exemplos do uso desse procedimento. A “interpretação dual” fica clara no trecho apresentado a seguir, onde Butz enumera suas conclusões sobre as evidências de um programa de extermínio em Auschwitz.

⁶ Do original: “I analyzed the specifics of the alleged extermination process at Auschwitz. I showed that all of the specific material facts required a dual interpretation of relatively mundane facts, e.g. transports, selections, showers, shaving hair, Zyklon B, crematoria etc., all real and all relatively mundane, had been given a second interpretation.” Idem, ibidem, p. 11.

“Na introdução deste capítulo foi prometido que mostraríamos a marca da lenda do extermínio em Auschwitz possuir a marca básica do grande embuste: a necessidade de uma dupla interpretação dos fatos. Isto é verdade em todos os aspectos significativos possíveis: 1. O Zyklon foi empregado para a desinfecção e também alegadamente por extermínios. 2. as "seleções" eram necessárias pela natureza das operações em Auschwitz e também alegadamente por extermínios. . 3. não seria impreciso (embora talvez um tanto enganoso) chamar Birkenau de "campo da morte", especialmente em determinados momentos (e especialmente quando o Comitê Baruch existia e imediatamente depois); também era supostamente um "campo de extermínio". 4. Despir – procedimentos de banho eram realizados para *despioalhamento* e também alegadamente para o extermínio. 5. Crematórios convencionais existiam para acomodar ambos os papéis de Bikernau, o de campo da morte e o de campo de extermínio. 6. Alguns Leichenkeller⁷ eram necrotérios enquanto é alegado que outros eram, na realidade, "câmaras de gás". Os dois tipos de Leichenkeller estavam em locais próximos em Birkenau. 7. Alguns Badeanstalten⁸ eram estabelecimentos de banho enquanto é alegado que outros eram, na realidade, "câmaras de gás". Os dois tipos de Badeanstalten ficavam em locais próximos em Birkenau. 8. O mau cheiro que as pessoas das áreas próximas sentiam deveu-se não só a hidrogenação e outros processos químicos em Auschwitz, mas também alegadamente para as cremações.”⁹

Essas afirmações que ele enumera são conclusões que ele “obteve” após apresentar, na introdução do livro, diversos fatos e evidências que de uma forma ou de outra foram distorcidos ou manipulados para influenciar o leitor a fazer a tal reinterpretação desses acontecimentos. Podemos perceber que Arthur Butz usa as palavras de um jeito que sutilmente contribui com toda a arquitetura de seu trabalho, ou seja, os esforços para o convencimento de seu público alvo (leigos em história) estão presentes em cada detalhe de sua obra.

Como Butz ao defender suas ideias se apóia inúmeras vezes em documentos oficiais e citações de depoimentos, algumas vezes ele distorce essas fontes e, quando o conteúdo delas afirma claramente a existência da política de assassinato em massa, Butz apela para a “interpretação dual”, ou seja, tenta convencer o leitor de que há outra maneira de ler aquele material, ou mesmo outra forma de traduzir tais palavras. Isso ocorre, por exemplo, quando

⁷Necrotério.

⁸Banhos, chuveiros.

⁹ Do original: “In the introduction to this chapter it was promised that the Auschwitz extermination legend would be shown to possess the basic trademark of the great hoax: the need for a dual interpretation of facts. This is true in every significant respect conceivable: 1. Zyklon was employed for disinfection and also allegedly for exterminations. 2. The “selections” were necessary by the nature of the operations at Auschwitz and also allegedly for exterminations. 3. It would not have been inaccurate (although perhaps somewhat misleading) to call Birkenau a “death camp,” especially at certain times (and especially when the Baruch Committee was in existence and immediately thereafter); it was also allegedly an “extermination camp.” 4. Disrobing – showering procedures were followed for delousing and also allegedly for exterminations. 5. Conventional crematories existed for accommodating both the death camp role and alleged extermination camp role of Birkenau. 6. Some Leichenkellerwere mortuaries while it is alleged that others were, in reality, “gas chambers.” The two types of Leichenkellerwere in proximate locations at Birkenau. 7. Some Badeanstaltenwere bath establishments while it is alleged that others were, in reality, “gas chambers.” The two types of Badeanstaltenwere in proximate locations at Birkenau. 8. The stench that the people of the area experienced was due not only to the hydrogenation and other chemical processes at Auschwitz but also allegedly to the cremations.” Idem, ibdem, p. 183-184.

ele apresenta declarações do Ministro da Propaganda alemão Joseph Goebbels sobre o ódio contra os judeus e a aniquilação dos mesmos.

“Dr. Goebbels, em um artigo na publicação *The Reich*, disse que os judeus seriam exterminados por toda a Europa 'e talvez até mesmo para além da Europa' em retaliação aos pesados ataques aéreos." Essa afirmação de Goebbels foi dirigida contra a imprensa controlada pelos judeus, que ele considerava como o grande responsável para a atmosfera de propaganda que possibilitou os bombardeios de terror. Seu comentário no *Das Reich* foi: "nesta guerra, os judeus estão jogando seu jogo mais criminoso, e eles terão que pagar por isso com o extermínio (*Ausrottung*) de sua raça na Europa e talvez muito além. Não devem ser levados a sério neste conflito, porque eles não representam interesses britânicos nem americanos, mas exclusivamente judaicos." Agora, isso é realmente uma ameaça de extermínio, porque o principal significado do termo "*Ausrottung*" é "Extermínio" (do inglês "desenraizamento", ao qual a palavra está relacionada etimologicamente, é apenas um significado secundário). Declarações totalmente públicas semelhantes também foram feitas ocasionalmente por Hitler. Exemplos são "o resultado desta guerra será a destruição do judaísmo," e "não será o povo ariano que será aniquilado mas sim o povo judeu". Em reação a isso deve-se observar que (a) declarações extremas foram uma característica generalizada da oratória e retórica nazistas, (b) os mitologistas do extermínio acham necessário reivindicar que os extermínios foram realizados no mais extremo segredo, o que torna um pouco impossível tomar tais referências ocasionais nas declarações públicas dos líderes nazistas como prova de extermínios, (c) é necessário compreender totalmente as circunstâncias específicas das afirmações de Goebbels, ou seja, foi uma reação aos atentados de terror dos Aliados, (d) pessoas podem dizer coisas agressivas em tempo de guerra e declarações sanguinárias foram feitas por pessoas supostamente responsáveis de ambos os lados durante a guerra e (e) um completo entendimento do contexto é necessário ao interpretar o significado específico de uma referência a "exterminação" ou "aniquilação" (ou em alemão, "*Ausrottung*", "*Vernichtung*", respectivamente)."¹⁰

“Coisas assassinas foram ditas em ambos os lados e, em minha opinião e fraca lembrança dos tempos, a retórica dos EUA (especialmente no que se refere aos japoneses) parece-me ter sido mais violenta do que qualquer coisa que agora parece ter sido corrente na Alemanha durante a guerra, embora essa comparação seja difícil e talvez não deva ser tentada, por conta do papel muito diferente desempenhado pela "opinião pública" e pelas declarações dos líderes políticos nos dois sistemas políticos envolvidos.”¹¹

¹⁰ Do original: “Dr. Goebbels, in an article in the publication *The Reich*, said the Jews would be exterminated throughout Europe ‘and perhaps even beyond Europe’ in retaliation against the heavy air assaults.” Goebbels’ remark was directed against the Jewish controlled press, which he regarded as largely responsible for the propaganda atmosphere which made the terror bombings possible. His remark in *Das Reich* was: “In this war the Jews are playing their most criminal game, and they will have to pay for that with the extermination (*Ausrottung*) of their race in Europe and perhaps far beyond. They are not to be taken seriously in this conflict, because they represent neither British nor American, but exclusively Jewish, interests.” Now this is indeed an extermination threat, because the primary meaning of the term “*Ausrottung*” is “extermination” (the English “uprooting,” to which the word is related etymologically, is only a secondary meaning). Similar totally public utterances were also made occasionally by Hitler. Examples are “the result of this war will be the destruction of Jewry,” and “it will not be the Aryan peoples that will be annihilated but it will be Jewry.” In reaction to this one should observe that (a) extreme statements were a pervasive feature of Nazi oratory and rhetoric, (b) the extermination mythologists find it necessary to claim that the exterminations were carried out in the most extreme secrecy, which makes it somewhat untenable to take such occasional references in the public declarations of Nazi leaders as evidence of exterminations, (c) it is necessary to fully grasp the specific circumstances of the Goebbels remark, i.e. it was a reaction to Allied terror bombings, (d) people can say heated things in wartime, and bloodthirsty statements were made by supposedly responsible people on both sides during the war, and (e) it is often the case that a complete understanding of context is necessary when interpreting the specific meaning of a reference to “extermination” or “annihilation” (or, in German, “*Ausrottung*,” “*Vernichtung*,” respectively). Moreover, the German word for “Jewry,” *das Judentum*, is ambiguous in meaning.” Idem, ibidem, p. 101-102.

¹¹ Do original: “Murderous things were said on both sides and, in my opinion and dim recollection of the times, the rhetoric in the US (especially in regard to the Japanese) seems to me to have been more violent than anything that now seems to have been current

O trecho supracitado é um exemplo do uso da interpretação dual. Butz estava se referindo às declarações de Joseph Goebbels sobre o extermínio dos judeus de toda a Europa. Para usar tais afirmações a seu favor, Butz além tentar amenizar as fortes palavras do ministro alemão comparando-as aos discursos mais agressivos feitos em tempos de guerra, ele distorce sua interpretação afirmando que tais discursos não foram mal traduzidos, que ele não queria dizer extermínio no sentido literal da palavra, mas sim como “desenraizamento”, ou seja, tirar os judeus da Europa, sem significar necessariamente assassiná-los.

O argumento da necessidade de uma segunda interpretação sobre os fatos ocorre novamente quando o autor fala sobre o uso do inseticida Zyklon B como veneno nas câmaras de gás. Para os negacionistas, as evidências do uso desse produto em larga escala são mal interpretadas, porque ele seria usado na verdade para desinfecção de roupas e ambientes contaminados por piolhos que transmitiam tifo.

O uso da “interpretação dual” também acontece quando Butz aborda o problema dos campos de concentração e dos de extermínio, e principalmente quando ele escreve sobre Auschwitz¹². Quando o assunto é Auschwitz, Butz dedica um número significativo de páginas de seu livro para desfazer o que ele chama de o grande mito de Auschwitz.

Laurence Rees descreve em detalhes como funcionava o esquema de extermínios de Auschwitz. Era uma verdadeira fábrica da morte, os prisioneiros que chegavam podiam ser mortos em apenas algumas horas, nas câmaras de gás. Esses prisioneiros selecionados para a

in Germany during the war, although such a comparison is difficult and perhaps should not be attempted in regard to degree, on account of the very different roles played by “public opinion” and by the statements of political leaders in the two political systems involved.” Idem, *ibidem*, p. 107.

¹² Segundo Laurence Rees, os primeiros prisioneiros que chegaram em Auschwitz, foram usados para construir o campo. Todos os prisioneiros de guerra soviéticos que chegavam a Auschwitz eram registrados, assim como todas as mortes. Com o aumento dos assassinatos, as autoridades dentro do campo, para não admitir no livro de registros (livro da morte) as brutalidades cometidas, usaram como estratégia alegar que os prisioneiros estavam morrendo devido a uma gama de doenças, como por exemplo, ataques cardíacos. O trabalho forçado era extremamente pesado, de acordo com testemunhos de ex-prisioneiros, as ferramentas rudimentares e o material de construção insuficiente. Por esse motivo, os nazistas mandavam os prisioneiros roubarem materiais tanto da casa de moradores das proximidades quanto de outros comandos nazistas. Todos os prisioneiros sofriam com maus tratos, principalmente os judeus e os padres. O autor apresenta diversos testemunhos de ex-prisioneiros que relatam as barbaridades cometidas pelos nazistas dentro de Auschwitz, e eles garantem que as atitudes de crueldade eram incentivadas pela SS, que chegava a recompensar soldados que cometessem tais atos.

No final de 1940, Hoss estabeleceu a estruturas importantes para o funcionamento do campo nos próximos anos, como o Bloco 11 (que inicialmente se chamava Bloco 13), que era uma construção destinada a tortura e assassinato dos prisioneiros. Em 1941, a indústria I. G. Farben aceitou instalar uma fábrica de borracha sintética em Auschwitz, usando a mão-de-obra dos prisioneiros. Através de diversos depoimentos de sobreviventes, o autor mostra como ocorriam as etapas do extermínio em campos como Auschwitz e Sobibór. Assim que os trens chegavam lotados, os judeus eram separados em dois grupos, homens de um lado e mulheres e crianças do outro. Então médicos nazistas faziam uma rápida avaliação de cada pessoa e assim eram separados os que iriam para o trabalho forçado e os que iriam ser mortos imediatamente. Após essa separação um oficial nazista falava para o último grupo que por motivos de higiene todos eles seriam encaminhados para tomar banho e cortar os cabelos e de lá seriam levados para seus dormitórios. Os prisioneiros na maior parte das vezes acreditavam que realmente estavam indo apenas tomar um banho, e eles mesmos se despiam e seguiam calmamente para os supostos chuveiros, que eram na verdade as câmaras de gás. Os nazistas usavam essa estratégia para evitar maiores agitações, pois como a demanda de prisioneiros era muito alta, se os mesmos ficassem calmos o trabalho dos assassinos seria mais fácil (REES, 2005).

morte eram conduzidos até as câmaras com o pretexto de tomarem um banho e serem desinfetados, eram orientados a se despirem e a entrarem nas câmaras e após serem trancados eram assassinados com Zyklon B. Segundo Rees, em todo o governo nazista nunca houve um local que funcionasse como Auschwitz. Existiram sim outros campos de extermínio e outros campos de concentração, mas não como Auschwitz, que acumulava as duas funções.

“Como um Centro de assassinato em massa, Auschwitz ainda estava em sua infância e sua capacidade estava severamente limitada. Ao contrário das provas que deram após a guerra, Hoss e seus colegas já haviam usado sua própria iniciativa para ajudar a conceber métodos temporários para matar um grande número de pessoas. Mas eles sabiam que sua maior tarefa - aquela que os tornariam infames - estava à frente deles: a criação de uma fábrica de morte.”¹³

Em 1942, começaram as alterações em Auschwitz, que foram um ponto crucial para que o campo alcançasse seu auge de extermínio. Nesse ponto, Rees aborda uma questão levantada por Butz e outros negacionistas que, ao negarem que as câmaras de gás existiram alegam, dentre outras coisas, que as portas das câmaras de gás eram inapropriadas pois eram mal vedadas e abriam para dentro, o que impediria sua abertura após os judeus serem mortos pois seus corpos travariam as portas. Rees afirma que realmente até 1942 as portas tinham esse problema, que foi resolvido durante a reforma de otimização do campo (REES; 2005: 169). No verão de 1943, após as melhorias, Auschwitz possuía a capacidade de matar em suas câmaras de gás mais de 120.000 pessoas por mês, ou seja, funcionava em escala industrial. O autor ressalta que os crematórios de Auschwitz-Bikernau só começaram a funcionar na primavera de 1943, após o grande pico de mortes de 1942 (REES; 2005: 168).

Arthur Butz descreve Auschwitz como um campo industrial, pensado e desenvolvido para a fabricação de borracha, e associado com a I. G. Farben, grande fabricante de borracha sintética. De acordo com ele, lá os prisioneiros trabalhavam e eram bem tratados, tendo direito a alimentação, atendimento médico e até entretenimento.¹⁴ Para Butz, Auschwitz tem um papel central no “mito” do holocausto, já que é o campo sobre o qual se tem mais documentos.

¹³ Do original: “As a Center for mass murder, Auschwitz was still in its infancy and its capacity severely limited. Contrary to the evidence they gave after the war, Hoss and his colleagues had already used their own initiative to help devise temporary methods by which to kill large numbers of people. But they knew their greatest task – the one for which they would become infamous – lay ahead of them: the creation of a killing factory.” REES, Laurence. *Auschwitz: a new history*. PublicAffairs, Nova Iorque, 2005. p. 107.

¹⁴ Butz afirma isso, baseado na existência de um bordel dentro dos limites do campo de Auschwitz (“Auschwitz I was the administrative center for all SS functions at Auschwitz. These SS functions included the guarding, feeding, clothing, housing, recreation and disciplining of the prisoners, and also their medical services. The working hours at Auschwitz were those standard for the German concentration camps: eleven hours per day, six days a week, with extra work on Sunday mornings in “emergencies.” At Auschwitz there were divers recreational activities: concerts, cabaret performers, movies and athletic contests. There was even a brothel for the prisoners, staffed by professionals recruited for the purpose. Medical services receive further comment later on.” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p.78). Realmente existiam lugares assim, porém eram destinados ao entretenimento dos soldados nazistas, que se divertiam abusando das prisioneiras que eram obrigadas a trabalhar nesses prostíbulos (REES; 2005, 195-197).

“Inicialmente deve-se perguntar: qual é o atributo essencial, a “marca” de um mito nesta escala? Nenhum autor são apresentaria uma história totalmente falsa em todos os seus detalhes; um relato cujo núcleo central é completamente falso pode conter noventa e nove por cento de fatos válidos, e fazer isto leva o autor a uma perspectiva mais segura de sua ação: distorcer o significado dos fatos válidos. Esta é a estrutura básica da lenda do extermínio em Auschwitz. Mostra-se aqui que cada fato real contido na história tinha (não poderia ter tido, mas teve) um significado relativamente rotineiro, não tendo nada a ver com o extermínio de pessoas. Assim, aqueles que afirmam extermínio deve avançar uma tese que envolve uma dupla interpretação dos fatos, mas, então, o leitor imparcial, tendo em consideração o que já foi observado, deve estar do meu lado; a necessidade de uma dupla interpretação dos fatos, a marca do mito, emergiu.”¹⁵

Pode-se perceber aqui um dos procedimentos mais usados por Butz, a interpretação dual dos fatos, ou seja, ele tenta mostrar que se interpretados da forma correta (que para ele é a forma negacionista) ficará claro que o holocausto é fruto de uma conspiração internacional muito bem arquitetada. Além dessa interpretação dual, ele reinterpreta com mais detalhes todos aqueles argumentos já apresentados, dos crematórios, do zyklon b, do tifo, etc.

Como exposto anteriormente, Auschwitz passou por reformas para otimização de seu funcionamento em 1942, quando houve um pico no número de extermínios. Butz, de forma consciente apresenta esse auge do índice de mortalidade do campo como um pico da epidemia de tifo. Butz listou seis afirmações para defender, o que ele chama de teoria, que Bikernau¹⁶ não era um campo de extermínio, e era chamado de “campo da morte” não por assassinar seus prisioneiros, mas por receber doentes, incapazes de trabalhar e pessoas que estavam à beira da morte.

Primeiro é importante destacar que Butz chama essas afirmações de teoria (quando não são), para assim tentar dar maior credibilidade às mesmas. Segundo ele, essa “teoria” é baseada em seis considerações¹⁷, mas destacaremos aqui somente a última:

“Em sexto e último lugar, houve uma taxa anormalmente elevada de mortes em Birkenau, apesar de existirem algumas dificuldades em estimar os números, exceto em determinados momentos. O primeiro grande evento relevante é a epidemia de tifo do verão de 1942, o que resultou no fechamento da fábrica da Buna durante dois

¹⁵Do original: “It must first be asked: what is the essential attribute, the “trademark” of a hoax on this scale? No sane author of such a thing would present a story which is untrue in every or in most details; ninety nine percent valid fact can be present in a story whose major claim has no truth whatever to it and recognition of this leads the author of the hoax to the maximally safe approach to his deed: distort the meaning of valid facts. This is the basic structure of the Auschwitz extermination legend. It is shown here that every real fact contained in the story had (not could have had, but had) a relatively routine significance, having nothing to do with exterminations of people. Thus those who claim extermination must advance a thesis involving a dual interpretation of the facts, but by then the impartial reader, in consideration of what has just been noted, should be on my side; the need for a dual interpretation of fact, the trademark of the hoax, has emerged.” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p.143.

¹⁶ Bikernau também pode ser chamado de Auschwitz II.

¹⁷ As demais afirmações eram: 1 – Bikernau era o campo principal em relação à acomodação dos presos, e Auschwitz I era o principal em relação à administração, e que Bikernau foi projetado desde o início para ser um campo maior e destinado às necessidades específicas das operações da SS na área; 2 - as pessoas que receberiam alta do hospital Monowitz como inaptas para o trabalho, eram enviadas para Birkenau; 3 – existiam acampamentos familiares em Bikernau; 4 - foi só em Birkenau que excepcionalmente amplas instalações para a eliminação dos mortos através de cremação foram construídas; 5 – era perfeitamente normal que grande parte dos prisioneiros de Bikernau estivessem desempregados. (BUTZ, 2003: 175)

meses, com início por volta de 1 de agosto. A maior prova disso é o relatório WRB, mas não há provas que confirmem. Em primeiro lugar, havia certamente epidemias de tifo em Auschwitz. Em segundo lugar, os dados apresentados pela Cruz Vermelha holandesa (Anexo C) mostra que a taxa de mortalidade média no acampamento masculino de Birkenau de 16 julho - 19 agosto de 1942, foi de cerca de 186 por dia, com as taxas para o fim do período visivelmente mais elevadas do que as do início. Em terceiro lugar, existe em Amsterdam um único volume do livro da morte de Birkenau (também discutido no Relatório da Cruz Vermelha Holandesa). Este volume contém os atestados de óbito para os cinco dias de 28 setembro - 2 outubro, 1942 O número de mortes é de 1.500, e as causas de morte que são dadas são aquelas típicas de condições de epidemia de tifo, embora Reitlinger pareça considerar tais causas registradas como "fraqueza dos músculos do coração "e outros como" inventadas, [...] diagnósticos fantasiosos de médicos internos, que estavam tentando salvar os seus pacientes da "lista de transporte" ou da injeção de fenol." Na verdade, essas causas de morte são típicas do tifo;”¹⁸

Através dessas considerações, Butz tenta dar sentido para a afirmação de que nunca houve extermínio de prisioneiros em Auschwitz, e que na verdade, os médicos nazistas se esforçavam para salvarem seus pacientes. Porém, Butz não apresenta nada que comprove isso, ele se detém somente em afirmações.

Arthur Butz descreve Birkenau como um campo para prisioneiros inaptos para o trabalho, onde todos aqueles que estavam doentes ou a beira da morte ficavam. Essa afirmação, juntamente com o argumento da epidemia de tifo, embasa a justificativa que Butz arquiteta para o alto índice de mortes no referido campo.

"O papel que Birkenau desempenha na farsa é muito simples. Como em qualquer grande operação industrial Auschwitz foi organizada de forma sistemática, pensada para ser o mais eficiente possível. Os desempregados foram aquartelados em Birkenau. Assim, os campos de trânsito, que serão discutidos em um capítulo posterior, existiam em Birkenau. Isto explica a existência de acampamentos ciganos e judeus lá. Além disso, os doentes, os que estavam a beira da morte e, até mesmo, os mortos eram enviados para Birkenau e tal concentração de doentes naturalmente significava que Birkenau era um "campo da morte", completo com instalações de casa mortuária e de cremação, se alguém assim quiser descrever. Com efeito, metade de todas as mortes que aconteceram dentro dos campos de concentração alemães entre 1942-1944 ocorreram em Birkenau. Enquanto a coisa toda parece bastante tola quando examinada atentamente, como temos feito nesses capítulos, os inventores da propaganda obviamente fizeram uma escolha muito racional em decidir afirmar que Birkenau era um campo de extermínio.”¹⁹

¹⁸ Do original: “Sixth and last, there was an unusually high death rate at Birkenau, although there are some difficulties in estimating the numbers except at particular times. The first major relevant event is the typhus epidemic of the summer of 1942, which resulted in the closing of the Buna factory for two months starting around August 1. The major evidence of this is the WRB report, but there is confirming evidence. First, there certainly were typhus epidemics at Auschwitz. Second, the data presented by the Dutch Red Cross (Appendix C) shows that the average death rate at the Birkenau men’s camp from July 16 to August 19, 1942, was about 186 per day, with the rates toward the end of the period noticeably higher than those toward the beginning. Third, there exists in Amsterdam a single volume of the Birkenau death book (also discussed in the Netherlands Red Cross Report). This volume contains death certificates for the five days September 28 to October 2, 1942. The number of deaths is 1,500, and the causes of death that are given are those typical of typhus epidemic conditions, although Reitlinger seems to consider such recorded causes as “weakness of the heart muscles” and others as “invented [...] fanciful diagnoses of internee doctors, who were trying to save their patients from the ‘transport list’ or the phenol syringe.” In fact, such causes of death are typical with typhus;” Idem, ibidem, p.176.

¹⁹ Do original: “The role that Birkenau plays in the hoax is very simple. Like any large industrial operation Auschwitz was organized in a systematic manner thought to be of the greatest efficiency. The unemployed were

O autor apresenta uma gama de argumentos e inclusive uma tabela com o número de mortes nos campos de concentração entre julho de 1942 e julho de 1943 e outra sobre agosto de 1943, com o propósito de consolidar a idéia de que essas mortes não foram intencionais, foram causadas pela epidemia de tifo, e que o setor administrativo da SS até tentou tomar providências para manter essas taxas sobre controle (BUTZ, 2003: 178-179).

Table 6: Death cases in the concentration camps, July 1942 to June 1943

MONTH	INMATES	DEATHS	PERCENT	MONTH	INMATES	DEATHS	PERCENT
July	98,000	8,329	8.50	Jan	123,000	9,839	8.00
Aug.	115,000	12,217	10.62	Feb.	143,000	11,650	8.14
Sept.	110,000	11,206	10.19	March	154,200	12,112	7.85
Oct.	85,800	8,856	10.32	April	171,000	8,358	4.71
Nov.	83,500	8,095	9.69	May	203,000	5,700	2.80
Dec.	88,000	8,800	10.00	June	199,500	5,650	2.83

quartered at Birkenau. Thus the transit camps, to be discussed again in a later chapter, were at Birkenau. This explains the existence of the gypsy and Jewish camps there. Also, the sick and the very sick and the dying and, perhaps, the dead were sent to Birkenau and such concentration of the ill naturally meant that Birkenau was a "death camp," complete with mortuary and cremation facilities, if one chooses to describe things thus. Indeed, of the order of one-half of all of the deaths in the entire German concentration camp system for 1942-1944 occurred at Birkenau. While the whole thing looks quite foolish when examined closely, as we have done in these chapters, the propaganda inventors obviously made a very rational choice in deciding to claim Birkenau as an extermination camp. The death rate in the concentration camp system was very high; it was near its highest at Auschwitz, which was the largest German concentration camp, and the Auschwitz deaths were concentrated at Birkenau." Idem, ibidem, p. 183.

Table 7: Death cases in the concentration camps for the month of August 1943

CONCENTRATION CAMP	INMATES	DEATHS	PERCENT		
			AUGUST	JULY	CHANGE
Dachau	17,300	40	0.23	0.32	-0.09
Sachsenhausen	26,500	194	0.73	0.78	-0.05
Buchenwald	17,600	118	0.67	1.22	-0.55
Mauthausen-Gusen	21,100	290	1.37	1.61	-0.24
Flossenbürg	4,800	155	3.23	3.27	-0.04
Neuengamme	9,800	150	1.53	2.14	-0.61
Auschwitz (men)	48,000	1,442	3.00	2.96	+0.04
Auschwitz (women)	26,000	938	3.61	5.15	-1.54
Gross-Rosen	5,000	76	1.52	2.69	-1.17
Natzweiler	2,200	41	1.87	1.63	+0.24
Bergen-Belsen	3,300	4	0.12	0.39	-0.27
Stutthof (men)	3,800	131	3.45	5.69	-2.24
Stutthof (women)	500	1	0.20	0.00	+0.20
Lublin (men)	11,500	882	7.67	4.62	+3.05
Lublin (women)	3,900	172	4.41	2.01	+2.40
Ravensbrück (men)	3,100	26	0.84	0.76	+0.08
Ravensbrück (women)	14,100	38	0.27	0.24	+0.03
Riga Herzogenbusch	3,000	1	0.03	0.33	-0.30
Total	224,000	4,669			
Overall average for August 1943:			2.09		
Overall average for July 1943:				2.23	
Decrease:					-0.14

“É perfeitamente óbvio que essas mortes, por mais que tenham sido deploráveis e qualquer que seja a natureza e a localização da responsabilidade, não tinham nada a ver com extermínio ou com os judeus. Do ponto de vista da administração superior da SS, elas eram "catastróficas" e foram feitos esforços para colocá-las sob controle. Não é de todo surpreendente que, com tais taxas de mortalidade, instalações mortuárias e de cremação que antecipassem épocas piores, existissem em Auschiwitz.”²⁰

Nessa citação Butz afirma que os nazistas não queriam que os prisioneiros morressem, e que essas mortes eram lamentadas por eles. Porém, ele não apresenta nenhuma evidência que comprove isso. Além disso, ele apresenta as tabelas mostradas acima, mas não explora os dados expostos nas mesmas.

²⁰ Do original: “It is perfectly obvious that these deaths, however deplorable and whatever the nature and location of the responsibility, had nothing to do with extermination or with Jews as such. From the point of view of the higher SS administration, they were “catastrophic” and efforts were made to bring them under control. It is not at all remarkable that with such death rates, cremation and mortuary facilities anticipating worst period death rates of even hundreds per day existed at Auschiwitz.” Idem, ibdem, p. 179-180

Outro ponto tratado por Butz é sobre os crematórios. Alegando basear-se em documentos oficiais²¹ do Tribunal Militar de Nuremberg, Butz afirma que está claro em tal documento que os crematórios foram construídos nesses campos na mesma época do pico de mortes, e que em 1942 o número de fornos crematórios em Auschwitz era comparável ao de outros campos que não “eram de extermínio”. Ou seja, ele ressalta o ponto de que a estrutura física de Auschwitz não era compatível com a demanda da indústria de mortes que os “mitologistas”²² dizem que ele era.

Butz enfatiza que não existe nenhuma prova da existência de um programa de extermínio nos documentos oficiais por ele consultados²³, o que é uma grande contradição dentro do próprio livro, pois o próprio depoimento de Rudolf Hoss é um documento oficial que descreve em detalhes o funcionamento da indústria de extermínio de judeus que funcionava em Auschwitz. Para disfarçar essas evidências, Butz as distorce e as interpreta de forma contrária para que nada contradiga as suas teorias. Por exemplo, quando ele cita o testemunho de Rudolf Hoss, e afirma que há uma inconsistência numérica no número de vítimas, e que nem mesmo Hoss apegava-se ao número de 2,5 milhões de mortos em Auschwitz (BUTZ; 2003, 148), sendo que no segundo parágrafo de seu depoimento, Hoss deixa claro esse número:

“2. Tenho sido constantemente associado com a administração de campos de concentração desde 1934, servindo em Dachau até 1938; depois como ajudante em Sachsenhausen de 1938 a 01 de maio de 1940, quando fui nomeado comandante de Auschwitz. Comandei Auschwitz até 01 de dezembro de 1943, e estima-se que pelo menos 2.500.000 de vítimas foram executadas e exterminadas lá por gás e queima, e pelo menos mais meio milhão sucumbiu à fome e doença, perfazendo um total de cerca de 3.000.000 mortos. Este valor representa cerca de 70% ou 80% de todas as pessoas enviadas a Auschwitz como prisioneiros, o restante tendo sido selecionado e usado para o trabalho escravo nas indústrias de campos de concentração. Incluído entre os executados e cremados cerca de 20.000 prisioneiros de guerra russos (prisioneiros de guerra previamente selecionados das prisões da Gestapo), que foram entregues em Auschwitz transportados pela Wehrmacht operada por oficiais e soldados da Wehrmacht. O restante do número total de vítimas incluíram cerca de 100.000 judeus alemães, e um grande número de cidadãos, em sua maioria judeus da Holanda, França, Bélgica, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Grécia ou outros países. Executamos cerca de 400.000 judeus húngaros somente no verão de 1944.”²⁴

²¹ O documento NO-4473.

²² É esse o termo que Arthur Butz usa quando se refere àqueles que defendem a existência do holocausto.

²³ O volume 5 do NMT e o volume 11 do IMT.

²⁴ Do original: “2. I have been constantly associated with the administration of concentration camps since 1934, serving at Dachau until 1938; then as adjutant in Sachsenhausen from 1938 to May 1, 1940, when I was appointed commandant of Auschwitz. I commanded Auschwitz until December 1, 1943, and estimate that at least 2,500,000 victims were executed and exterminated there by gassing and burning, and at least another half million succumbed to starvation and disease, making a total dead of about 3,000,000. This figure represents about 70% or 80% of all persons sent to Auschwitz as prisoners, the remainder having been selected and used for slave labor in the concentration camp industries. Included among the executed and burnt were approximately 20,000 Russian prisoners of war (previously screened out of Prisoner of War cages by the Gestapo) who were delivered at Auschwitz in Wehrmacht transports operated by regular Wehrmacht officers and men. The remainder of the total number of victims included about 100,000 German Jews, and great numbers of citizens, mostly Jewish from Holland, France, Belgium, Poland,

A distorção de documentos realizada por Butz pode ser percebida quando ele escreve sobre o relatório da Comissão de Refugiados de Guerra (WRB/ *War Refugee Board*)²⁵. Esse relatório da Comissão de Refugiados de Guerra é um importante e detalhado documento sobre o extermínio dos judeus, e, portanto contestado por Butz. Trata-se de um relatório emitido pela WRB, em novembro de 1944, baseado em dois outros relatórios baseados em testemunhos de sobreviventes dos campos de extermínio: o primeiro de dois jovens judeus eslovacos que escaparam de Auschwitz em abril de 1944, depois de passarem dois anos presos, e o segundo de um oficial polonês não judeu, que foi o único sobrevivente de seu grupo de prisioneiros também em Auschwitz.²⁶

A opinião de Butz sobre tal relatório é a mesma que ele tem sobre todos os documentos que constatarem de alguma forma a existência do extermínio dos judeus, de que ele não passa de uma fraude. Ele atribui essa farsa do relatório à ligação do mesmo com os agentes da conspiração judaica internacional: o governo de Washington, os comunistas, organizações sionistas e ao Congresso Judaico Mundial²⁷ (World Jewish Congress).

“Em ordem completamente para compreender a natureza do seu desenvolvimento e sua importância em relação ao nosso assunto, devemos ir além notando o fato óbvio de que o WRB serviu, em grande medida, simplesmente como um instrumento do Congresso Judaico Mundial e outras organizações sionistas.”²⁸

Antes de analisar o documento, Butz já o condena só pelo fato de ter sido redigido pelo governo de Washington, que ele aponta como principal responsável pela propagação do “mito” do holocausto para atender às lideranças judaicas. Como ele define a propaganda como um instrumento muito importante para a disseminação do “mito”, aponta então o relatório da WRB como sendo uma grande fonte de publicidade para a construção do mito do holocausto (BUTZ; 2003, 142).

Hungary, Czechoslovakia, Greece, or other countries. We executed about 400,000 Hungarian Jews alone in the summer of 1944.”
Material disponível em <http://www.nizkor.org/ftp.cgi/amt/nca/nca-06/nca-06-3868-ps>

²⁵ Após 1942, quando as notícias sobre ações dos nazistas contra os judeus começaram a ser difundidas por todo o mundo, a pressão para que os Aliados interferissem de alguma forma para impedir tais atrocidades não parava de aumentar. Em abril de 1943, representantes do governo britânico e norte-americano se reuniram em uma conferência nas Ilhas Bermudas para debater medidas que amparassem de alguma forma os refugiados de guerra. Porém nenhuma ação de resgate foi colocada em ação. Somente em janeiro de 1944, o presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt, juntamente com o Secretário do Tesouro Henry Morgenthau Jr., emitiu a Ordem Diretiva 9417 que criava a Comissão de Refugiados de Guerra (WRB/ *War Refugee Board*), com o intuito de criar e executar através dos Departamentos de Estado, do Tesouro e da Guerra, medidas para resgatar refugiados de guerra que estavam em perigo de morte.

²⁶ Informações retiradas da página <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10008040>

²⁷ Organização internacional fundada em 1936 que representa comunidades e organizações judaicas em 115 países, e exerceu pressão sobre os Aliados para que os mesmo tomassem alguma providência para ajudar os judeus perseguidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. (Informações retiradas da página <http://www.worldjewishcongress.org/po/about>)

²⁸ Do original: “*In order completely to grasp the nature of its development, and its import in terms of our subject, we should go beyond noting the obvious fact that the WRB was to serve, to a great extent, as simply an instrument of the World Jewish Congress and other Zionist organizations.*” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry.* Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 98.

Então ele enumera todos os assuntos tratados no relatório, e afirma que as informações ali contidas são resultado da união de dados colhidos pela inteligência norte-americana com invenções absurdas. Butz alega mais uma vez que seria impossível que tantos judeus estivessem sendo mortos em câmaras de gás e cremados em larga escala sem que os agentes americanos soubessem, já que o governo dos Estados Unidos nutria grande interesse em deslindar a tecnologia alemã de produção de borracha sintética na IG Farben, em Auschwitz. Ou seja, para ele o conteúdo do relatório da WRB é um aglomerado de invenções infundadas, com a citação de alguns dados e descrições reais, como mapas e detalhes da planta de Auschwitz, para torná-los mais verossímeis.

“A segunda seção do relatório é dito ter sido escrita por um judeu eslovaco que chegou ao campo de Lublin, por volta de 4 de junho de 1942, mas foi enviado para Auschwitz em torno de 30 de junho de 1942. De acordo com a primeira seção do relatório ele então teria recebido um número de registro, por volta de 44.000, que foi tatuado em seu antebraço esquerdo (o sistema de tatuagem tinha mudado). Os dois autores das duas primeiras seções do relatório são os dois jovens judeus eslovacos que escaparam juntos em 7 de abril de 1944. A terceira seção do relatório é o suplemento curto e a quarta seção é a contribuição do "major polonês." O anonimato dos autores do relatório é certamente um recurso vulnerável, mas a maior implausibilidade é simplesmente o conteúdo do relatório WRB. Exames mostram que as informações apresentadas no relatório que é mais provável que sejam verdadeiras, são o tipo de coisa que poderia ter sido construída com dados da inteligência, não de relatos de "dois jovens judeus eslovacos e um major polonês" que "fugiram". Isto é exatamente o que se deve esperar; Os inimigos da Alemanha tinham certos meios de coleta de informações sobre campos alemães e sobre eventos na Europa e simplesmente usaram as informações recolhidas pelos métodos convencionais, além de uma quantidade considerável de invenções, para compor o relatório WRB. Não é crível que as agências de inteligência estavam em uma posição tão primitiva em relação , sobre todas as coisas, ao centro industrial de Auschwitz, que eles foram obrigados a depender de informações sobre fugas milagrosas por prisioneiros vulgarmente bem informados. Este ponto vai ser amplificado abaixo. Naturalmente, tal observação não exclui a utilização dos relatos de ex-empregados ou detentos, fugitivos ou não, como parte dos dados.”²⁹

Arthur Butz deixa claro em diversos trechos do livro (inclusive o acima citado) que, para ele, o conteúdo do relatório da Comissão de Refugiados de Guerra é falso, com

²⁹ Do original: “The second section of the report is said to be written by a Slovakian Jew who arrived at the Lublin camp around June 4, 1942, but was sent to Auschwitz around June 30, 1942. According to the first section of the report he then would have received a registration number around 44,000, which was tattooed onto his left forearm (the tattooing system had changed). The two authors of the first two sections of the report are the two young Slovakian Jews who escaped together on April 7, 1944. The third section of the report is the short supplement and the fourth section is the contribution of the “Polish major.” The anonymity of the authors of the report is certainly a vulnerable feature, but the major implausibility is simply the contents of the WRB report. Examination shows that the information given in the report which is most likely true to semi-true is the sort of thing that could have been built up from intelligence data, not from reports of “two young Slovakian Jews and a Polish major” who “escaped.” This is exactly as one should expect; Germany’s enemies had certain means of gathering information about German camps and about events in Europe and simply used information gathered by such conventional methods, plus a considerable amount of invention, to compose the WRB report. It is just not believable that intelligence agencies were in such a primitive position with respect to, of all things, the industrial center Auschwitz, that they were obliged to depend for information on miraculous escapes by unusually well informed prisoners. This point will be amplified below. Of course, such an observation does not rule out the possible use of reports of former employees or inmates, escaped or otherwise, as part of the data.” Idem, ibidem, p. 130.

apenas alguns detalhes que correspondem à realidade. Torna-se interessante destacar brevemente que mais uma vez ao apresentar um documento sobre o holocausto, Butz retrata somente as partes que lhe convém como mentira, e os dados que tais fontes apresentam que possam de alguma forma servir aos seus propósitos ele simplesmente os apresenta como verdadeiros, desqualificando o conteúdo dos documentos. Apesar de tais afirmações, ele não apresenta nenhuma evidência que comprove a falsidade do relatório da Comissão de Refugiados de Guerra. Esse procedimento também é utilizado por Butz quando ele aborda o tema do destino dos judeus húngaros e do Comitê Internacional da Cruz Vermelha³⁰.

Arthur Butz dedicou o quinto capítulo de seu livro à questão dos judeus húngaros. O principal ponto abordado por ele é a participação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, um órgão neutro, na Segunda Guerra Mundial. Para essa análise, ele usa dois documentos³¹ publicados pelo ICRC³² nos anos de 1947 e 1948.

Para Butz, é importante falar sobre os judeus húngaros porque, devido ao relatório da Cruz Vermelha, eles se tornaram parte importante na construção do “mito”, pois esse relatório fala sobre o destino dos judeus húngaros que, segundo Butz, foram os escolhidos pelos criadores do “mito” como o grande exemplo do extermínio dos judeus. O relatório completo (BUTZ; 2003, 186-198) é apresentado para, segundo ele, não haver riscos de distorções. O documento descreve, de uma forma geral, o que estava acontecendo com os judeus sob o poder do Nacional Socialismo, e que eles estavam sendo enviados para campos de extermínio para serem mortos, ou seja, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha confirmava a existência do extermínio dos judeus e isso fica claro no relatório.

Assim como fez com o depoimento de Rudolf Hoss, Butz novamente apresentou um documento que afirma a existência do holocausto, mas como o objetivo de seu livro é convencer os leitores do contrário, ele novamente desmente o documento baseado em fatos distorcidos.

³⁰ Segundo Laurence Rees, na primavera de 1944, Hitler decidiu se voltar contra a Hungria, e existem duas vertentes sobre as suas motivações. A historiografia tradicional afirma que ele tomou essa decisão por motivos práticos e estratégicos, e a historiografia mais recente diz que na verdade Hitler foi motivado simplesmente pelo desejo de punir seus vizinhos. Em março de 1944, Eichmann começou a perseguir os judeus húngaros e a expropriá-los de seus bens e deportá-los para Auschwitz. Mais de 400.000 judeus húngaros foram enviados para Auschwitz, sendo que a grande maioria foi assassinada nas câmaras de gás. Foi o grande pico de extermínio de Auschwitz, mais de 320.000 pessoas mortas em menos de oito semanas, a “Solução Final” havia atingido outro nível, como o próprio autor diz, era uma fase frenética de assassinatos. As câmaras de gás não eram o único meio de matar no campo, dependendo do tamanho do grupo de judeus, ou das circunstâncias (como alguns doentes), muitos eram mortos com tiros.

³¹ Os documentos são o *Documents sur l'activité du CICR en faveur des civils détenus dans les camps de concentration en Allemagne (Documentos sobre as atividades do CICV em favos dos civis detidos em campos de concentração na Alemanha) (1939-1945)* de 1947, e o *Report of the International Committee of the Red Cross on its Activities During the Second World War* (Relatório do Comitê Internacional da Cruz Vermelha sobre suas atividades durante a Segunda Guerra Mundial), de 1948 (BUTZ; 2003, 185).

³² Sigla para International Committee of the Red Cross, em português, Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

“Há bastantes referências ao "extermínio" aqui para levar o leitor casual a ter a impressão de que a Cruz Vermelha aceitou as afirmações de extermínio. No entanto, na reflexão tal inferência é vista como não sendo tão necessária e, mesmo se feita, não é muito relevante. Dizem-nos que "os judeus haviam sido... condenados pela rígida legislação racial ao... extermínio sistemático" mas lá não estava, como é bem sabido, nenhuma legislação do tipo, se "Extermínio" significar assassinato em massa. Também "... eram enviados para campos de extermínio," o que era verdade para aqueles que tinham sido recrutados para o trabalho e enviados para campos de concentração durante os dois piores períodos dos campos (1942 e 1945). "Parece" que "milhares" de judeus eslovacos foram "para os campos de extermínio." Qualquer um que sabe o que se pode dizer com "campos de morte" aos quais foram enviados em 1940 alguns judeus romenos. Não importando o que signifique, os alemães não tomaram esta medida.”³³

O que Butz pretende aqui é levar o leitor a crer que se ele for crítico não vai se contentar com os fatos que são apresentados pelo relatório, mas sim questioná-los, sugerindo que os fatos que estão ali expostos são falsos, elaborados para enganar o público e difundir a “farsa” do holocausto, porém, Butz não apresenta nada que realmente comprove a alegada falsidade do documento. O autor também tenta desqualificar o relatório (e, conseqüentemente, a própria Cruz Vermelha) associando-o à conspiração internacional dos judeus e do governo norte-americano por meio da propaganda da época, principalmente as reportagens do *New York Times* que, de acordo com Butz, mudaram depois da publicação do relatório e passaram a enfatizar o caso dos judeus húngaros.

Quando o assunto é a política nazista em relação aos judeus, o Protocolo de Wansee³⁴ é um documento que não pode deixar de ser citado. O referido documento foi descoberto em

³³ Do original: “There are enough references to “extermination” here to lead the casual reader to the impression that the Red Cross accepted the extermination claims. However, on reflection such an inference is seen as being not so clearly necessary and, even if made, not very relevant. We are told that “the Jews had become [...] condemned by rigid racial legislation to [...] systematic extermination” but there was, as is well known, no such legislation if by “extermination” is meant mass murder. Also “they were [...] sent to death camps,” which was true of those who had been conscripted for labor and sent to the concentration camps during the camps’ two worst periods (1942 and 1945). It “seems” that “many thousands” of Slovakian Jews went “to the extermination camps.” It is anybody’s guess what is meant by the “death camps” to which some Romanian Jews were sent in 1940; whatever is meant, it was not a German measure.” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 198-199.

³⁴ De acordo com Mark Roseman, o responsável pela reunião de Wansee foi Heydrich, que, como afirma Peter Longerich, estava envolvido nos planos de deportação de judeus e poloneses. Os convidados para essa conferência eram todos funcionários importantes do governo nazista e interessados na questão judaica, a nível nacional e europeu. A reunião, a princípio, seria realizada dia nove de dezembro, mas, um dia antes, foi adiada por um período indeterminado, e provavelmente isso aconteceu por causa do ataque a Pearl Harbor (ROSEMAN; 2003, 66-71). Outro fator que provavelmente influenciou essa decisão foi o enfraquecimento da frente leste. Roseman destaca que o protocolo a que temos acesso hoje, não é um relato literal. Ele é uma compilação das anotações feitas por Eichman sobre a reunião, e editado “pesadamente” por Heydrich. Durante a reunião, a questão das deportações foi discutida. As primeiras foram para o oeste, e foram proibidas devido a dificuldades geradas pela guerra. Mas, mediante novas possibilidades no leste, em vez da emigração, Hitler aprovava a evacuação dos judeus para o leste. Mas essa seria, segundo Heydrich, uma solução temporária, que serviria de experiência para a posterior solução final da questão judaica, que afetaria onze milhões de judeus (ROSEMAN; 2003, 80-84). Heydrich descreve como seria feito: os judeus, sob comando nazista, seriam levados para realizar trabalho forçado no leste, e conseqüentemente, muitos deles morreriam de causas naturais. Os mais resistentes sobreviveriam, e seria preciso “lidar com eles” de forma apropriada para que não se unissem e realizassem um renascimento judaico (ROSEMAN; 2003, 59-60). Os participantes da conferência foram informados da evacuação dos judeus para o leste. Mas o que significava realmente a evacuação para o leste? Os negacionistas usam isso como prova de que o holocausto não aconteceu. Roseman, obviamente, rebate essa questão. Ele divide essa questão em duas partes: se o protocolo deixava claro o massacre dos judeus e se os meios para o massacre foram determinados. Para Roseman, assim como para os juízes de Nuremberg, estava claro que os

março de 1947, nos preparativos para o julgamento de Nuremberg pelos americanos. O protocolo é, na verdade, a ata de uma conferência nazista que ocorreu em janeiro de 1942, em Wansee. A reunião foi presidida por Reinhard Heydrich, e tinha o objetivo de discutir e solucionar o “problema dos judeus”. Wansee significou não somente um momento de decisão sobre a política nazista em relação aos judeus, mas a transição de uma política de deportações praticamente assassinas para um programa de genocídio. O Protocolo de Wansee foi o marco da política nazista oficial de genocídio.

Para Butz, nunca existiu uma política alemã de extermínio dos judeus e, portanto, o Protocolo de Wansee é uma mentira. Surge a questão: qual seria então, para ele, a política nazista em relação aos judeus? Basicamente, uma política de deportação.

“Muitos judeus europeus foram deportados para o leste e agora vamos dar uma olhada neste programa de deportações. Existem várias perguntas óbvias: quem foi deportado, quantos, para onde, como era a vida onde foram enviados, e o que lhes aconteceu. Em certa medida apenas respostas parciais ou provisórias são possíveis aqui. Primeiro, devemos considerar os números e as origens dos judeus envolvidos neste programa de reassentamento. Aqui cruzamos com os problemas discutidos no capítulo 1; contar os judeus pode ser difícil. No entanto não é a precisão estatística que buscamos aqui, mas ordem de magnitude ou valores aproximados que podem ser usados para mostrar que, com base em dados verificáveis, os judeus que foram deportados poderiam facilmente ter sobrevivido depois de tudo. Assim, será satisfatório meramente aceitar certas figuras oferecidas por Reitlinger e por Hilberg para fins de discussão (...). Os números são estimativas dos números de mortos; entende-se que aqui assumimos que essas pessoas apenas tenham sido reassentadas no Oriente.”³⁵

Butz afirma, novamente, que a diminuição no número de judeus na Europa deveu-se a migração dos mesmos, que ou fugiram da guerra e se refugiaram em outros países, ou foram deportados pelos alemães. Para tentar embasar essa afirmação, ele apresenta dados de outros dois autores ³⁶, que, segundo Butz, comprovam a existência das deportações. Porém, esses dados não se referem à deportações, mas sim ao número de mortos. Ou seja, Butz quer fazer o

participantes sabiam que essa evacuação significava morte. A reunião de Wansee serviu também para consolidar a supremacia da RSHA (Reichssicherheitshauptamt / Escritório Central de Segurança do Reich) sobre a questão judaica. Heydrich considerava-se a autoridade máxima sobre esse assunto, e provavelmente o referido protocolo foi o mais próximo que os nazistas chegaram de um documento por escrito sobre o genocídio global dos judeus.

³⁵ Do original: “*Many European Jews were deported East and we should now take a closer look at this program of deportations. There are several obvious questions: who was deported, how many, to where, what was life like where they were sent, and what happened to them. To some extent only partial or provisional answers are possible here. First we should consider the numbers and origins of the Jews involved in this resettlement program. Here we run into the problems discussed in Chapter 1; counting Jews can be difficult. However it is not statistical accuracy we seek here but order of magnitude or approximate figures that can be used to show that, on the basis of verifiable data, the Jews who were deported could easily have survived after all. It will thus be satisfactory to merely accept certain figures offered by Reitlinger and by Hilberg for the purposes of discussion, although one can pick quarrels with them (as one can with Rassinier’s study). The figures are estimates of numbers killed; it is understood that here we assume that these people had merely been resettled in the East.*” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 292.

³⁶ Raul Hilberg e Gerald Reitlinger

leitor acreditar que na verdade essa estatística pode significar não a quantidade de mortos, mas de reassentados.

"Em primeiro lugar, devemos considerar os números e as origens dos judeus envolvidos neste programa de reassentamento. Aqui nos deparamos com os problemas discutidos no Capítulo 1; contar os judeus pode ser difícil. No entanto, não é a precisão estatística que buscamos aqui, mas ordem de grandeza ou valores aproximados que podem ser usados para mostrar que, com base em dados verificáveis, os judeus que foram deportados poderiam facilmente ter sobrevivido depois de tudo. Assim, será satisfatório aceitar apenas determinados números oferecidos por Reitlinger e por Hilberg, para efeitos de discussão, embora se possa discordar deles (como com o estudo de Rassinier). Os números são estimativas do número de mortos; entende-se que aqui assumimos que essas pessoas simplesmente haviam sido reassentadas no Oriente. No caso de Reitlinger, usamos suas estimativas superiores: "³⁷

Table 8: Numbers of resettled Jews

	REITLINGER	HILBERG
Germany	180,000	160,000
Austria	60,000	53,000
Czechoslovakia	251,000	271,000
Denmark		1,000
France	65,000	70,000
Belgium	28,000	50,000
Luxembourg	3,000	2,000
Norway	700	1,000
Holland	102,700	120,000
Italy	8,000	17,000
Yugoslavia	58,000	63,000
Greece	60,000	62,000
Totals	816,400	870,000

Butz usa esse mesmo argumento das estatísticas demográficas no primeiro capítulo de seu livro, ao abordar julgamentos militares de guerra, em destaque o Tribunal de Nuremberg. Ele afirma que nunca houve nenhum programa de extermínio, e que os judeus não foram mortos, eles migraram para diversos lugares, e isso juntamente com as várias mudanças de fronteiras na Europa e as diversas definições³⁸ de judeu de cada país impossibilita a contagem exata da população judaica do pós-guerra. Portanto, não existiam provas que justificassem a condenação dos nazistas em tais tribunais. Butz argumenta que os números oficiais não estão

³⁷ Do original: "First we should consider the numbers and origins of the Jews involved in this resettlement program. Here we run into the problems discussed in Chapter 1; counting Jews can be difficult. However it is not statistical accuracy we seek here but order of magnitude or approximate figures that can be used to show that, on the basis of verifiable data, the Jews who were deported could easily have survived after all. It will thus be satisfactory to merely accept certain figures offered by Reitlinger and by Hilberg for the purposes of discussion, although one can pick quarrels with them (as one can with Rassinier's study). The figures are estimates of numbers killed; it is understood that here we assume that these people had merely been resettled in the East. In the case of Reitlinger we employ his higher estimate." Idem, ibidem, p. 198-199.

³⁸ No sentido de que em alguns países a definição étnica era baseada na língua, em outros na nacionalidade, etc.

corretos, mas, novamente, não apresenta nenhum dado conclusivo que prove isso. Ressaltando que ele usa esse mesmo argumento em duas vezes, quando fala sobre o Tribunal de Nuremberg, e quando fala sobre a política alemã em relação aos judeus.

Arthur Butz, simplesmente ignora os documentos que comprovam a existência de uma política de extermínio sistemático dos judeus, só citando e destacando aqueles que de alguma forma servem para o seu propósito de criar uma falsa História. O que ele afirma é que os milhões de judeus que os criadores do mito dizem terem sido assassinados, na verdade foram deportados, e que devido a um conjunto de fatores, as estatísticas de deportação não são muito precisas, e quando ele apresenta algum dado ou tabela, não explora seus números. Portanto, Butz não apresenta nenhuma prova que valide suas afirmações.

2. DESQUALIFICAÇÃO DOS JULGAMENTOS DE GUERRA E DOS TESTEMUNOS

Um procedimento muito usado por Butz em seu livro é o de desqualificar os julgamentos de guerra e os testemunhos tanto de nazistas como de sobreviventes da guerra. Isso acontece, principalmente, quando ele fala sobre o Tribunal de Nuremberg e sobre o depoimento de Rudolf Hoss³⁹, que é por onde começaremos.

Rudolf Franz Ferdinand Hoss (1900 – 1947) iniciou sua carreira militar aos 15 anos de idade, quando se alistou para lutar na Primeira Guerra Mundial, e aos 22 anos se associou aos NSDAP (o partido nazista)⁴⁰. Hoss é uma figura de destaque quando falamos de Segunda Guerra Mundial, pois além de ter sido o comandante de Auschwitz de 1940 a 1943, foi um dos oficiais nazistas de alta patente a admitir o assassinato em massa dos judeus nos campos de extermínio.

O depoimento⁴¹ do oficial da SS Rudolf Hoss é um dos documentos mais importantes quando se fala de holocausto, pois ele contém a descrição de um nazista sobre os detalhes do funcionamento de Auschwitz, e a confirmação do assassinato de prisioneiros nas câmaras de gás.

³⁹ Após o fim da guerra, o comandante de Auschwitz, Rudolf Hoss fez como a maioria dos nazistas nesse período, tentou criar a imagem de que ele fez tudo o que fez somente seguindo ordens, e que havia uma única cabeça comandando os planos da solução final: Adolf Hitler. Hoss alegou em seu julgamento que os nazistas eram subordinados obedientes, que foram altamente treinados para não questionar nenhuma ordem superior, tentando assim isentar-se da responsabilidade por todas as assassinatos cometidos em Auschwitz sob o seu comando. Porém, Rees nos mostra que isso não passava de uma falácia, uma tentativa de escapar da responsabilidade pelo que havia acontecido, pois dos últimos seis meses de 1941 aos primeiros seis meses de 1942, Hoss teve várias iniciativas próprias para maximizar a capacidade de extermínio de Auschwitz.

⁴⁰ Informações retiradas da página <http://www.holocaustresearchproject.org/othercamps/hoess.html#>

⁴¹ Uma cópia do depoimento original de Rudolf Hoss se encontra nos anexos da monografia.

Por ser um documento de suma importância no que diz respeito à confirmação do holocausto, Butz se empenha em atacar sua veracidade. Ele apresenta o testemunho de Hoss para o Tribunal Militar Internacional de 5 de abril de 1946, e depois separa alguns parágrafos do documento para “análise”, e ressalta insistentemente que as declarações de Hoss são repletas de contradições, porque, na verdade, são falsas, conseguidas por meio de coerção e tortura.

“Höss é universalmente considerado a estrela das testemunhas de acusação e, apesar das origens da farsa de Auschwitz no relatório WRB, os mitologistas do extermínio tratam o depoimento de Höss essencialmente como a história do extermínio em Auschwitz ou, mais precisamente, o quadro para a história. Todos os defensores da lenda do extermínio em Auschwitz apresentam uma história, que é a descrita no depoimento de Höss, com apenas variações numéricas, formuladas pelo IMT, NMT e provas similares. (...) As contradições, incoerências, inconsistências absurdas e mentiras aparecerão. A análise irá revelar algo do contexto psicológico dos julgamentos.”⁴²

Ele questiona, por exemplo, que o testemunho de Hoss esteja em inglês e não em alemão, pois o oficial nazista não dominava a língua estrangeira. Esse é um questionamento vazio, pois o depoimento de Rudolf Hoss foi feito primeiro em alemão, e depois traduzido para o inglês, russo e francês⁴³. Isso mostra uma tentativa de Butz desqualificar tal depoimento.

Assim como para os demais negacionistas, Butz repudia todos os julgamentos pelos crimes de guerra aos quais os nazistas foram submetidos. O que ele defende é que esses julgamentos não possuem nenhuma legalidade, pois são parciais, e seus réus não têm chance alguma de serem inocentados. O autor destaca o Tribunal de Nuremberg, mas aborda rapidamente o julgamento de Adolf Eichmann, que aconteceu em Israel dezesseis anos após o fim da guerra. Butz compara tais julgamentos, aos julgamentos por bruxaria da Idade Média, e ridiculariza aqueles que acreditam na existência do holocausto, os igualando a pessoas influenciáveis e que acreditam em acontecimentos fantasiosos.

“A comparação dos julgamentos de crimes de guerra com os julgamentos de feitiçaria é quase perfeita. Ambos envolvem um grande número de potenciais vítimas, e as possibilidades de recriminações mútuas são ilimitadas. O mais importante, ambos aconteceram em uma atmosfera de irrealidade e histeria. A pessoa que acreditar naqueles que afirmam que um Estado moderno exterminou em massa seres humanos em um centro da indústria química, empregando um inseticida, e que o mau cheiro penetrante naquele local foi devido às cremações, é o

⁴² Do original: “Höss is universally considered the star prosecution witness and, despite the origins of the Auschwitz hoax in the WRB report, the extermination mythologists essentially treat the Höss affidavit as the Auschwitz extermination story or, more precisely, the framework for the story. All pleaders of the Auschwitz extermination legend present a story that is the Höss affidavit, with only numerical variations, as supplemented by the IMT, NMT and similar evidence. (...) The contradictions, inconsistencies, wild implausibilities and lies will appear. The analysis will reveal something of the psychological context of the trials.” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 144.

⁴³ Informações retiradas da página <http://www.nizkor.org/hweb/people/h/hoess-rudolf/hoess-faq.shtml>

equivalente completo do século XX da pessoa que, nos séculos anteriores, acreditou naqueles que afirmaram que infortúnios foram causados por pessoas que conversaram com sapos, tiveram relações sexuais com o diabo, etc.”⁴⁴

A comparação feita por Butz dos julgamentos de guerra com os julgamentos das mulheres acusadas de bruxaria na Idade Média mostra uma clara tentativa de desqualificação dos tribunais de guerra. Isso porque, atualmente, é de conhecimento geral que essas mulheres não eram feiticeiras, que bruxaria é na verdade um mito. Ou seja, quando iguala os dois tipos de julgamentos, Butz afirma que os julgamentos de guerra condenaram pessoas inocentes acusadas de algo que não existe, e que um dia todos saberão que o holocausto (assim como a bruxaria) é uma mentira.

Butz continua afirmando que os julgamentos pelos crimes de guerra eram uma farsa, e foca sua atenção no Tribunal de Nuremberg, que foi um tribunal militar internacional formado pelos países que compunham os Aliados durante a guerra, para julgar os crimes cometidos pelos nazistas, e teve seus termos definidos pelos Acordos de Londres, assinados em 08 de agosto de 1945 pelos Estados Unidos, União Soviética, França e Inglaterra. Uma de suas peculiaridades, legalmente falando, foi que seus réus não foram julgados por burlar uma legislação prévia, como ocorre nos julgamentos comuns.

Em Nuremberg foram julgados atos considerados tão graves que excediam a necessidade da existência anterior de leis que os criminalizassem. Os réus foram acusados por crimes contra a paz, crimes de guerra, que eram os que envolviam assassinato e maus tratos a prisioneiros de guerra e à população civil dos territórios ocupados e destruição gratuita de cidades e vilarejos não justificada por necessidade militar, e crimes contra a humanidade, que eram aqueles relacionados a perseguições por motivos raciais, políticos e religiosos, e a prisão, tortura, assassinato e atos desumanos cometidos contra a população civil (RAMOS; 2009, 29).

Os negacionistas, ao tecerem suas críticas a tais julgamentos, se concentram principalmente em dois aspectos: o julgamento de atos que não eram ilegais na legislação vigente quando foram cometidos, e a parcialidade da corte que compunha o tribunal, já que a mesma era composta por cidadãos dos países vencedores.

⁴⁴ Do original “*The comparison of the war crimes trials with the witchcraft trials is almost perfect. Both involve large numbers of potential victims, and the possibilities for mutual recrimination are boundless. Most important, both take place in an atmosphere of unreality and hysteria. The person who will not disbelieve those who claim that a modern state was exterminating masses of human beings at a center of chemical industry, employing an insecticide, and that the pervasive stench at that site was due to the associated cremations, is the complete twentieth century equivalent of the person who, in earlier centuries, believe those who claimed that misfortunes were caused by people who conversed with toads, had intercourse with the Devil, etc.*” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 257.

Ao abordar mais detalhadamente a questão dos julgamentos, ele culpa o governo de Washington por ser o responsável pela criação e disseminação do mito do holocausto, ressaltando o papel do War Crimes Branch⁴⁵ no julgamento dos nazistas:

“O envolvimento do War Crimes Branch nos julgamentos foi, no entanto, muito mais profundo. Enquanto os julgamentos do Tribunal Militar Internacional e do Tribunal Militar de Nuremberg estavam sendo conduzidos, vários julgamentos menores estavam ocorrendo. Entre estes estavam os tribunais realizados no campo de Dachau (arredores de Munique, e, portanto, não muito longe de Nuremberg) das equipes de alguns campos de concentração (Buchenwald, Flossenbürg, Dachau), que tinham sido capturadas pelos norte-americanos, e dos acusados de matar 83 prisioneiros americanos em Malmédy, durante a Batalha do Bulge. Estes julgamentos foram supervisionados pelo War Crimes Branch.”⁴⁶

Essa citação mostra mais uma tentativa de Butz de desqualificar os julgamentos de guerra, associando-os a departamentos e órgãos do governo norte-americano, governo que ele aponta como tendo papel fundamental no surgimento, e principalmente, na disseminação do mito, através da propaganda.

Para Butz, as cortes que realizaram os julgamentos não eram parciais, pois eram formadas por pessoas que faziam parte do lado vencedor (americanos, russos, britânicos e franceses), e tinham um pensamento anti-germânico. Além disso, ele afirma que as confissões dos réus foram conseguidas através de coerção e tortura, ou seja, todas as confissões e informações sobre o extermínio, segundo ele, não são válidas. Assim, ele pretende anular a veracidade dos documentos e depoimentos gerados nos tribunais, que formam grande parte das provas oficiais da existência do holocausto. Apesar de alegar insistentemente que os testemunhos dos réus dos tribunais militares eram forjados, Butz não apresenta nenhum documento que prove a veracidade de tais afirmações.

⁴⁵ Departamento criado em outubro de 1944, e representou os Estados Unidos na coleta e preparação de provas para os julgamentos de suspeitos de crimes de guerra. Informações retiradas da página <http://www.archives.gov/research/holocaust/finding-aid/military/rg-153.html>

⁴⁶ Do original: “*The involvement of the War Crimes Branch in trials was, however, much deeper. While the IMT and NMT trials were being conducted, several lesser trials were taking place. Among these were the trials held at the Dachau camp (outside Munich, and thus not far from Nuremberg) of the staffs of some concentration camps (Buchenwald, Flossenbürg, Dachau) that had been captured by the Americans, and of those accused of killing 83 American prisoners at Malmédy during the Battle of the Bulge. These trials were supervised by the War Crimes Branch.*” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 45.

3. CULPABILIZAÇÃO DOS ALIADOS E DOS JUDEUS PELA GUERRA E PELO SURGIMENTO DO “MITO”

Butz, ao longo de seu livro, evidenciavárias vezes os crimes e crueldades cometidos pelas tropas dos Aliados durante a guerra, tentando desviar o foco das atrocidades cometidas pelos nazistas, como se os erros de um fossem diminuir as dimensões dos erros do outro.

Um exemplo claro do uso dessa técnica é quando Butz aborda o Tribunal de Nuremberg. Como o foco do autor nesse ponto é desacreditar a legalidade desses julgamentos, ele usa todas as ferramentas que lhe são possíveis. Dentre elas, questionar a necessidade de julgar os nazistas pelos crimes cometidos por eles durante a Segunda Guerra Mundial, e que se fossem então haver julgamentos, eles deveriam acontecer para os Aliados também, já que esses foram responsáveis por diversos crimes também.

Realmente, muitos excessos foram cometidos pelos Aliados, principalmente pelas tropas soviéticas. Laurence Rees fala sobre um desses crimes, os assassinatos de Katyn. Katyn é o nome da floresta em que mais de 4.000 corpos de poloneses foram encontrados (REES; 2009,73). Até 1940, o habitual era que os soviéticos deportassem os prisioneiros poloneses ou os deixassem presos(REES; 2009, 74). Esses assassinatos foram uma forma de acabar com os oficiais e a intelligentsia poloneses. Depois dos assassinatos, outra diretiva foi assinada para que os familiares desses poloneses assassinados fossem deportados. Eles foram levados para a Sibéria e para o Cazaquistão(REES; 2009, 82-89), onde estavam sujeitos a todo tipo de privações. Mas, como dito anteriormente, isso não diminui a abominação dos atos nazistas contra a população civil, e também, essa comparação não é plausível, pois, os Aliados não elaboraram e colocaram em prática uma política de extermínio de um povo, e também não criaram instalações destinadas à execução em massa de inocentes, como os nazistas fizeram.

Além de tentar chamar a atenção para os crimes de guerra dos Aliados, Butz também culpa os judeus. Sempre que apresenta provas dos crimes alemães, Butz dá um jeito de retirar a responsabilidade que está sobre os nazistas e depositá-la sobre os judeus, como nos casos de Eichmann (que será tratado adiante) e do relatório da Comissão de Refugiados de Guerra, que já foi abordado no capítulo anterior. Na verdade, culpar os Aliados, e principalmente o governo norte-americano e os judeus, por todos os excessos da guerra e pela destruição da imagem da Alemanha nazista, e conseqüentemente do governo de extrema-direita, é o cerne da ideologia negacionista.

O posicionamento dos Aliados em relação à intervenção no funcionamento dos campos de extermínio é abordado por Arthur Butz ao longo de seu livro, e essa abordagem ocorre seguindo principalmente duas linhas: se os extermínios fossem verdadeiros seria impossível que os Aliados (mais especificamente o governo americano) não soubessem, e que se eles sabiam por que não tomaram nenhuma atitude para interromper os assassinatos.⁴⁷

Como Laurence Rees afirma, a questão da intervenção das tropas aliadas por meio de bombardeios é complexa, envolve estratégias bélicas e políticas, e aqui não vemos como essa “falta” de reação direta pode influenciar na existência ou não do plano de extermínio nazista, até porque as provas de tais atrocidades são abundantes.

Outro ponto bastante trabalhado por Butz em relação aos Aliados é o das propagandas. Ele afirma que as propagandas, principalmente as reportagens do *New York Times*, foram um dos pilares da construção do mito do holocausto, e que elas eram falsas e manipuladas pelo governo norte-americano. Essa questão aparece, por exemplo, quando Butz fala sobre o relatório WRB, abordado no capítulo anterior. Butz afirma que as reportagens do *The New York Times* sobre a situação dos judeus na Alemanha nazista, eram uma ferramenta do governo dos Estados Unidos para difundir o “mito” do holocausto para o público

Para alcançar seu objetivo de transformar o holocausto em uma lenda, Butz se apega a toda e qualquer possibilidade de usar fatos polêmicos sobre a Segunda Guerra Mundial a seu favor, como é o caso do julgamento de Eichmann. Arthur Butz compara o julgamento de Eichmann aos julgamentos do Tribunal de Nuremberg, apontando ambos como parciais e dispostos a condenar seus acusados, independente do que fosse apresentado no tribunal.

“A próxima prova que vale exame é o julgamento de Eichmann. (...) A fim de compreender a estratégia de defesa de Eichmann, considere sua situação antes do julgamento como o advogado o teria visto. Era basicamente uma situação política envolvendo uma determinação israelense para encenar um julgamento. (...) Assim, tal como aconteceu com os réus de Nuremberg, a única defesa possível de Eichmann em tais circunstâncias era negar a responsabilidade pessoal.”⁴⁸

⁴⁷ De acordo com Laurence Rees, diversos pedidos feitos inclusive por judeus que conseguiram fugir de Auschwitz, foram feitos para os Estados Unidos e para a Grã-Bretanha para que os mesmos bombardeassem os crematórios de Auschwitz ou mesmo a estrada férrea que levava ao campo para que as mortes dos judeus fossem impedidas. Ambos os governos negaram a realização de tais bombardeios. Existe um grande debate sobre essa questão, questiona-se o que teria acontecido se esses ataques tivessem ocorrido, se as mortes teriam sido impedidas, e o porquê da negativa dos Aliados.

Na opinião de Rees, se esses bombardeios tivessem acontecido provavelmente não teriam salvado parte dos milhões de judeus exterminados. Rees conclui que, estrategicamente falando, os ataques aéreos não apresentariam resultado devido, por exemplo, a localização dos crematórios, e que um bombardeio provavelmente mataria centenas de judeus devido a proximidade entre os dormitórios e os crematórios.

⁴⁸ Do original: “*The next trial that is worth examination is the Eichmann trial. (...) In order to understand Eichmann’s defense strategy, consider his situation prior to the trial as a lawyer would have seen it. It was basically a political situation involving an Israeli determination to stage a show trial. (...) Thus, just as with the Nuremberg defendants, Eichmann’s only possible defense*

Ou seja, Butz novamente desvia a culpa dos nazistas e a coloca sobre os judeus, afirmando que Eichmann não podia se defender das acusações que recaíam sobre ele, já que a corte que realizou o julgamento estava disposta a sentenciá-lo a morte por conta da execução de um plano de aniquilação dos judeus.

Adolf Otto Eichmann (1906 – 1962) foi o SS-Obersturmbannführer (tenente-coronel) e responsável pelas estratégias referentes à aniquilação da população judaica. Eichmann conseguiu fugir para a Argentina, onde ficou vivendo exilado até ser encontrado e capturado pela Mossad (polícia secreta de Israel), e levado a julgamento pelo tribunal israelense.⁴⁹

Seu julgamento foi emblemático por diversos motivos. Primeiramente, por ele ser apontado como o responsável pela “Solução Final”. Depois, pelo fato de Israel ter passado por cima da soberania argentina ao capturá-lo, e também por Eichmann não ser julgado em um tribunal internacional, e sim em um tribunal israelense. Ressaltando que não é o objetivo aqui debater a legalidade do julgamento de Adolf Eichmann, mas sim como Butz o usa como mais um argumento para negar o holocausto.

Os principais pontos que Butz ataca no referido julgamento estão relacionados à sua parcialidade e legalidade. Ele segue a mesma linha argumentativa dos demais autores negacionistas, enfatizando, por exemplo, a força das organizações judaicas internacionais ao caçarem e capturarem Eichmann, e o julgarem por crimes e decisões que excediam os limites do poder e autonomia de seu posto de tenente-coronel da SS.

Ou seja, Arthur Butz usa o caso de Eichmann para dois propósitos de destaque em seu trabalho: inocentar os oficiais nazistas pela barbárie cometida contra os judeus, e colocar os judeus como os grandes responsáveis pela guerra, pela criação do “mito” do holocausto e pela destruição da imagem da Alemanha nazista.

under the circumstances was to deny personal responsibility.” Butz, Arthur R.: *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry*. Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003. p. 249-250.

⁴⁹ BERLA, Gabriel Vieira. "O Especialista": uma análise arendtiana do julgamento de Eichmann e o seu legado. Disponível em: http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=57

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito na introdução, detectar e analisar os meios adotados pelos autores negacionistas é importante, pois assim compreendemos os limites entre a escrita da história e aquela que, mesmo que reivindique, não preenche as condições para ser considerada como tal. Mesmo que, aparentemente, tais limites sejam bastante claros, um leitor leigo que não os conhece pode acabar caindo na farsa negacionista. Os negadores do holocausto insistem em criar falseamentos da história, e os seus trabalhos são constituídos por mentiras.

A presente monografia apontou e analisou os meios usados pelo autor negacionista Arthur Butz para tentar negar a existência do holocausto. O livro de Butz é composto por um conjunto de procedimentos tipicamente negacionistas, como, por exemplo, a distorção de documentos oficiais. Percebemos que, além da distorção e desqualificação de fontes, Arthur Butz usa aquilo que ele denomina de “interpretação dual”, a culpabilização dos Aliados e dos judeus, e a desqualificação dos testemunhos e dos julgamentos de guerra, todos eles acionados como meio de relativizar os crimes nazistas e de lançar a dúvida sobre a veracidade dos documentos e depoimentos que o atestam. Além de apontar quais são os procedimentos adotados por Butz, ressaltamos também a forma como ele os usou para tentar alcançar o propósito de seu livro, que é o de afirmar que o extermínio dos judeus é um “mito”.

Os argumentos apresentados por Butz são vazios e carentes de demonstração, como apontamos no momento em que ele alega que os judeus europeus não foram mortos, e sim deportados. Butz apresenta estatísticas demográficas que, segundo ele, comprovam essas deportações. Porém, tais dados não mostram nada que valide as afirmações de Butz, e, portanto, ele não os explora e também não apresenta nenhuma conclusão.

Verificamos que isso também ocorre quando Arthur Butz tenta desqualificar o depoimento que o comandante de Auschwitz, Rudolf Hoss, prestou ao Tribunal de Nuremberg. O elemento decisivo, que é um índice dos procedimentos adotados por Arthur Butz, é o fato de tomar a tradução do depoimento de Hoss como original. Neste ele questiona o fato do depoimento estar em inglês, já que Hoss falava alemão. Porém, como apresentamos no capítulo dois, o depoimento original foi feito em alemão, e depois traduzido para outras línguas.

Indicamos e analisamos os procedimentos usados por Arthur Butz em seu livro, assim como os temas por ele abordados. Verificamos os falseamentos feitos por ele, e os dados

intencionalmente mal utilizados, para tentar demonstrar que os nazistas eram inocentes, e que nunca houve uma política de extermínio dos judeus.

BIBLIOGRAFIA

ARENDR, Hannah. Origens do Totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

BUTZ, Arthur R. The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry. Chicago. Theses & Dissertations Press, 2003.

CARR, Edward Hallet. Que é história? conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; tradução de Lúcia Maurício de Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 3a ed. 1982.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da história/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes ; revisão técnica [de] Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LONGERICH, Peter. Holocaust: the nazi persecution and murder of the jews. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.

MILMAN, Luis. Negacionismo: gênese e desenvolvimento do genocídio conceitual. *In* Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político. Coord. Luis Milman e Paulo Fagundes Vizentini. Rio Grande do Sul. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. O negacionismo e as disputas de memória: reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto. Rio de Janeiro. XII Encontro de História – Anpuh-Rio, 2008.

_____. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado. Anpuh-SNH, 2011.

_____ Negacionismo: a extrema-direita e a negação da política de extermínio nazista. Revista eletrônica Tempo Presente, 2013.

RAMOS, Luiz Felipe Gondin. Tribunal Militar Internacional de Nuremberg: análise histórica e legado jurídico. UFRGS. Rio Grande do Sul, 2009.

REES, Laurence. Auschwitz: a new history. Nova Iorque: PublicAffairs, 2005.

_____ Stalin, os nazistas e o ocidente: a Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes / Laurence Rees; tradução Luis Fragoso. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

ROSEMAN, Mark. Os nazistas e a solução final: a verdadeira história da Conferência de Wannsee / Mark Roseman; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

STAKELBERG, Roderick. A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados / Roderick Stackelberg; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

ANEXOS

Anexo 1 (Carta do presidente da Universidade de Northwestern)*

University President Henry S. Bienen issued the following statement:

Northwestern University Associate Professor Arthur Butz recently issued a statement commending Iranian President Ahmadinejad's assertion that the Holocaust never happened. Butz is a Holocaust denier who has made similar assertions previously. His latest statement, like his earlier writings and pronouncements, is a contemptible insult to all decent and feeling people. While I hope everyone understands that Butz's opinions are his own and in no way represent the views of the University or me personally, his reprehensible opinions on this issue are an embarrassment to Northwestern.

There is no question that the Holocaust is a well-documented historical fact. The University has a professorship in Holocaust Studies endowed by the Holocaust Educational Foundation. Northwestern offers courses in Holocaust Studies and organizes conferences of academic scholars who teach in areas relating to the Holocaust. In addition, Northwestern hosts a summer Institute for Holocaust and Jewish Civilization. And most recently, a fellowship in the political science department has been established in my name by the Holocaust Educational Foundation. In short, Northwestern University has contributed significantly to the scholarly research of the Holocaust and remains committed to doing so.

Butz is a tenured associate professor in electrical engineering. Like all faculty members, he is entitled to express his personal views, including on his personal web pages, as long as he does not represent such opinions as the views of the University. Butz has made clear that his opinions are his own and at no time has he discussed those views in class or made them part of his class curriculum. Therefore, we cannot take action based on the content of what Butz says regarding the Holocaust - however odious it may be - without undermining the vital principle of intellectual freedom that all academic institutions serve to protect.

Henry S. Bienen
President

*Extraída do site oficial da Northwestern University

Anexo 2 (Depoimento de Rudolf Hoss)***Shofar FTP Archive File: imt/nca/nca-06/nca-06-3868-ps**

Archive/File: imt/nca/nca-06/nca-06-3868-ps
Last-Modified: 1999/12/13

TRANSLATION OF DOCUMENT 3868-PS

[Page 787]

AFFIDAVIT

I, Rudolf Franz Ferdinand Hoess, being first duly sworn, depose and say as follows:

1. I am forty-six years old, and have been a member of the NSDAP since 1922; a member of the SS since 1934; a member of the Waffen-SS since 1939. I was a member from 1 December 1934 of the SS Guard Unit, the so-called Death'shead Formation [Totenkopf Verband].

2. I have been constantly associated with the administration of concentration camps since 1934, serving at Dachau until 1938 ; then as Adjutant in Sachsenhausen from 1938 to May 1, 1940, when I was appointed Commandant of Auschwitz. I commanded Auschwitz until 1 December 1943, and estimate that at least 2,500,000 victims were executed and exterminated there by gassing and burning, and at least another half million succumbed to starvation and disease making a total dead of about 3,000,000. This figure represents about 70 % or 80 % of all persons sent to Auschwitz as prisoners, the remainder having been selected and used for slave labor in the concentration camp industries. Included among the executed and burnt were approximately 20,000 Russian prisoners of war (previously screened out of Prisoner of War cages by the Gestapo) who were delivered at Auschwitz in Wehrmacht transports operated by regular Wehrmacht officers and men. The remainder of the total number of victims included about 100,000 German Jews, and great numbers of citizens, mostly Jewish from Holland, France, Belgium, Poland, Hungary, Czechoslovakia, Greece, or other countries. We executed about 400,000 Hungarian Jews alone at Auschwitz in the summer of 1944.

3. WVHA (SS Main Economic and Administration Office), headed by Obergruppenfuehrer Oswald Pohl, was responsible for all administrative matters such as billeting, feeding and medical care, in the concentration camps. Prior to establishment of the RSHA, Secret State Police Office (Gestapo) and the Reich Office of Criminal Police were responsible for arrests, commitments to concentration camps, punishments and executions therein. After organization of the RSHA, all of these functions were carried on as before, but, pursuant to orders signed by Heydrich as Chief of the RSHA. While Kaltenbrunner was Chief of RSHA, orders for protective custody, commitments, punishment, and individual executions were signed by Kaltenbrunner or by Mueller, Chief of the Gestapo, as Kaltenbrunner's deputy.

4. Mass executions by gassing commenced during the summer 1941 and continued until fall 1944. I personally supervised execu-

[Page 788]

tions at Auschwitz until the first of December 1943 and know by reason of my continued duties in the Inspectorate of Concentration Camps WVHA that these mass executions continued as stated above. All mass executions by gassing took place under the direct orders, supervisions, and responsibility of RSHA. I received all orders for carrying out these mass executions directly -- from RSHA.

5. On 1 December 1943 I became Chief of AMT I in AMT Group D of the WVHA and in that office was responsible for coordinating all matters arising between RSHA and concentration camps under the administration of WVHA. I held this position until the end of the war. Pohl, as Chief of WVHA, and Kaltenbrunner, as Chief of RSHA, often conferred personally and frequently communicated orally and in writing concerning concentration camps. On 5 October 1944 I brought a lengthy report regarding Mauthausen Concentration Camp to Kaltenbrunner at his office at RSHA, Berlin. Kaltenbrunner asked me to give him a short oral digest of this report and said he would reserve any decision until he had had an opportunity to study it in complete detail. This report dealt with the assignment to labor of several hundred prisoners who had been condemned to death -- so-called "nameless prisoners."

6. The "final solution" of the Jewish question meant the complete extermination of all Jews in Europe. I was ordered to establish extermination facilities at Auschwitz in June 1941. At that time, there were already in the general government three other extermination camps; Belzek, Treblinka, and Wolzek. These camps were under the Einsatzkommando of the Security Police and SD. I visited Treblinka to find out how they carried out their extermination. The Camp Commandant at Treblinka told me that he had liquidated 80,000 in the course of one-half year. He was principally concerned with liquidating all the Jews from the Warsaw ghetto. He used monoxide gas and I did not think that his methods were very efficient. So when I set up the extermination building at Auschwitz, I used Cyclon B, which was a crystallized prussic acid which we dropped into the death chamber from a small opening. It took from 3 to 15 minutes to kill the people in the death chamber depending upon climatic conditions. We knew when the people were dead because their screaming stopped. We usually waited about one-half hour before we opened the doors and removed the bodies. After the bodies were removed our special commandos took off the rings and extracted the gold from the teeth of the corpses.

7. Another improvement we made over Treblinka was that we

[Page 789]

built our gas chambers to accommodate 2,000 people at one time. whereas at Treblinka their 10 gas chambers only accommodated 200 people each. The way we selected our victims was as follows: we had two SS doctors on duty at Auschwitz to examine the incoming transports of prisoners. The prisoners would be marched by one of the doctors who would make spot decisions as they walked by. Those who were fit for work were sent into the Camp. Others were sent immediately to the extermination plants. Children of tender years were invariably exterminated since by reason of their youth they were unable to work.

Still another improvement we made over Treblinka was that at Treblinka the victims almost always knew that they were to be exterminated and at Auschwitz we endeavored to fool the victims into thinking that they were to go through a delousing process. Of course, frequently they realized our true intentions and we sometimes had riots and difficulties due to that fact. Very frequently women would hide their children under the clothes but of course when we found them we would send the children in to be exterminated. We were required to carry out these exterminations in secrecy but of course the foul and nauseating stench from the continuous burning of bodies permeated the entire area and all of the people living in the surrounding communities knew that exterminations were going on at Auschwitz.

8. We received from time to time special prisoners from the local Gestapo office. The SS doctors killed such prisoners by injections of benzine. Doctors had orders to write ordinary death certificates and could put down any reason at all for the cause of death.

9. From time to time we conducted medical experiments on women inmates, including sterilization and experiments relating to cancer. Most of the people who died under these experiments had been already condemned to death by the Gestapo.

10. Rudolf Mildner was the chief of the Gestapo at Kattowitz and as such was head of the Political Department at Auschwitz which conducted third degree methods of interrogation, from approximately March 1941 until September 1943. As such, he frequently sent prisoners to Auschwitz for incarceration or execution. He visited Auschwitz on several occasions. The Gestapo Court, the SS Standgericht, which tried persons accused of various crimes, such as escaping Prisoners of War, etc., frequently met within Auschwitz, and Mildner often attended the trial of such persons, who usually were executed in Auschwitz following their sentence. I showed Mildner throughout the extermination plant at Auschwitz and he was directly interested

[Page 790]

in it since he had to send the Jews from his territory for execution at Auschwitz.

I understand English as it is written above. The above statements are true; this declaration is made by me voluntarily and without compulsion; after reading over the statement, I have signed and executed the same at Nurnberg, Germany, on the fifth day of April 1946.

[signed] Rudolf Hoess
RUDOLF FRANZ FERDINAND HOESS

Subscribed and sworn to before me this 5th day of April 1946, at Nurnberg, Germany.

[signed] Smith W. Brookhart Jr.
SMITH W. BROOKHART, JR.,
LT. COLONEL, IGD.

